

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

PÂMELA CAMARGO SOARES

**CORINTHIANS, A TORCIDA QUE TEM UM TIME: IDENTIDADE E
POLITIZAÇÃO DE UM CLUBE DE FUTEBOL**

VITÓRIA
2023

PÂMELA CAMARGO SOARES

**CORINTHIANS, A TORCIDA QUE TEM UM TIME: IDENTIDADE E
POLITIZAÇÃO DE UM CLUBE DE FUTEBOL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em História.
Orientador: Prof. Dr. Ueber José de Oliveira.

VITÓRIA

2023

PÂMELA CAMARGO SOARES

**CORINTHIANS, A TORCIDA QUE TEM UM TIME: IDENTIDADE E
POLITIZAÇÃO DE UM CLUBE DE FUTEBOL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em História.

Aprovado em _____ de _____ de 2023.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Ueber José de Oliveira

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Sarah e Ricardo, que além das constantes orações, sempre me proveram apoio e total incentivo para estudar, me proporcionando uma posição privilegiada para isso. Sem vocês eu não poderia ter chegado até aqui.

A minha irmã Polyana, pela inocência, que me fez nunca esquecer como a vida é um jogo de perguntas e respostas. Desafiadora, mas divertida demais.

A todos os demais familiares, mas em especial aos meus avós, Ester e Olívio, que me ensinaram a amar o futebol e o Corinthians, e foram minhas inspirações para as perguntas que levaram essa pesquisa a existir.

Ao meu grupo de amigos mais próximo nos primeiros semestres, Daniel, Karol e Eliza, o apoio e amizade de vocês me fez querer insistir neste curso e descobrir o quanto eu o amava.

Um agradecimento especial à minha amiga Luisa, afinal, sem você eu não teria nem começado essa pesquisa. Obrigada pelas conversas sobre futebol, pelos textos acadêmicos que me emprestou, pelos autores que me indicou, mas acima de tudo, pela amizade e incentivo. Minha admiração por você sempre será indescritível. O que Taylor Swift e a união Galorinthians uniu, jamais se separará.

Aos amigos que me aproximei mais ao final do curso, Thiago, Davi e Camila. Obrigada pela amizade, por revisar meus textos, pelas correções e pelo companheirismo nos unindo na vida acadêmica. Vocês foram essenciais para que o final de tudo fosse ainda mais colorido.

Ao meu professor e orientador Ueber José de Oliveira, que prontamente aceitou o desafio de me orientar com essa pesquisa, me incentivando a seguir com ela e aprofundá-la. Minha admiração por você, professor, também sempre será indescritível; ainda que seja flamenguista.

Aos amigos da Igreja Batista em Araças, por me abraçarem e proporcionarem momentos de amizade, descontração e oração em todo este processo. Em especial, à Maria Cecília, Othon, Natália, Davi, Túlio e Victória. Vocês me fazem lembrar de um Reino de amigos.

A minha amiga cruzeirense Tarsila, pela amizade de sempre e por disponibilizar sua casa para ser um lugar de refúgio. Ninguém ama e acolhe tão bem como uma boa mineira, e você com certeza dá orgulho ao título de mineira.

A minha amiga tricolor Letícia. Obrigada pelo apoio em absolutamente tudo, pelo amor que você tem por mim e que sabe tornar tão palpável, que mesmo morando no Rio de Janeiro, eu o sinto pertinho. Vinte anos sendo sua amiga, fez literalmente cada pedaço de mim, ser também um pedaço de você.

Aos amigos que a internet me deu: Rebeca, Gyovana, Bruna, Lisa, Duda, Ana, Lóide, Bruno e Gabriel. Agradeço pelas orações, as videochamadas em grupo, as horas rindo e chorando juntos, os conselhos, desabafos, incentivos, por todos os dias e noites em que precisei de algum de vocês, e pude encontrar, e por acreditarem em mim mais do que eu mesma. Ter cada um de vocês por perto, fez esse período não apenas ser mais fácil, mas valer a pena. Meu amor por vocês será eterno, e nunca vou deixar qualquer um de vocês se esquecer disso.

E aos Corinthians do Twitter e do Instagram, que por vezes nem sabem do quanto me ajudaram nesta pesquisa ao disponibilizar imagens importantes, e que foram aqui utilizadas, sobre manifestações e momentos marcantes do nosso clube. Além de me proporcionarem bons amigos e risadas pelo caminho.

Agradeço à minha estimada Universidade Federal do Espírito Santo, já que estudar na UFES foi um dos meus maiores sonhos de vida realizado. Além do excelente ensino, o programa de Iniciação Científica foi fundamental para que eu pudesse me encontrar acadêmica e profissionalmente, recebendo todo o apoio da instituição.

Ao Sport Club Corinthians Paulista, por me proporcionar a possibilidade de amar tanto um clube, e me perceber nele. Grande parte do que sou, é graças a ser Corinthiana, este clube me proporcionou as melhores histórias da minha vida. Corinthiana, maloqueira e sofredora, Graças a Deus. Vai Corinthians.

E por fim, à Deus. Não tenho fé o suficiente para acreditar que o mundo não seja mágico. Obrigada por me emprestar a existência. Graças te dou.

O Corinthians é muito mais do que um clube de futebol. O Corinthians é uma religião, é uma grande nação, mas muito mais do que isso, o Corinthians é uma voz. O Corinthians é uma força, é uma forma de expressão que a sua população tem. Em um país em que os mais fracos social, política e economicamente, não tem voz nunca, nesse caso tem, através do Corinthians, eles conseguem se manifestar, a torcida Corinthiana utiliza o seu clube, o seu time, a sua expressão física, como forma de contestação de tudo aquilo que não lhes é dado de direito.

DOUTOR SÓCRATES.

RESUMO

Objetivamos relacionar noções de identidade, futebol e política, utilizando-se em específico do Sport Club Corinthians Paulista como objeto para tal. Buscamos perceber que a identidade clubística do Corinthians é uma identidade também política e politizada, de maneira que observa-se um grande envolvimento do clube com pautas sociais e comumente ligadas ao progressismo, sendo o mesmo observado nas ações individuais e coletivas da torcida do clube em si. Desta forma, observamos a conexão entre tais identidades, sendo formadas e reconhecidas pelos torcedores, ao mesmo tempo em que os formam. Utilizamos de autores como Benedict Anderson e Manuel Castells para tratar inicialmente das identidades, com Marcos Guterman e João Paulo França Strapco, tratamos das identidades e marcas históricas do futebol, e com autores como Maria Helena Baldy dos Reis, Mariana Zuaneti Martins, João Manuel Casquinha e Antônio Jordão Netto, trabalhamos a identidade corinthiana e suas características, a fim de relacionar todos estes elementos em busca de provar a tese inicial, de que a identidade corinthiana e a identidade política da torcida, se relacionam e se constroem.

Palavras-chave: Identidade. Política. Sport Club Corinthians Paulista. Futebol. Torcedores.

ABSTRACT

We aim to relate notions of identity, football and politics, using specifically Sport Club Corinthians Paulista as an object. We seek to realize that Corinthians' club identity is also a political and politicized identity, so that there is a great involvement of the club with social agendas and commonly linked to progressivism, the same being observed in the individual and collective actions of the club's fans in yes. In this way, we observe the connection between such identities, being formed and recognized by the fans, at the same time that they form them. We use authors such as Benedict Anderson and Manuel Castells to initially deal with identities, with Marcos Guterman and João Paulo França Strepco, we deal with the identities and historical marks of football, and with authors such as Maria Helena Baldy dos Reis, Mariana Zuaneti Martins, João Manuel Casquinha and Antônio Jordão Netto, we worked on the Corinthians identity and its characteristics, in order to relate all these elements in order to prove the initial thesis, tha the Corinthians identity and the political identity of the fans are related and built.

Keywords: Identity. Policy. Sport Club Corinthians Paulista. Football. Fans.

SUMÁRIO

Introdução	10
Capítulo 1 – CONCEITUANDO IDENTIDADES.....	13
Capítulo 2 – FUTEBOL E POLÍTICA	19
Capítulo 3- BREVE HISTÓRIA DO FUTEBOL.....	21
Capítulo 4- HISTÓRIA DO SPORT CLUB CORINTHIANS PAULISTA... ..	24
Capítulo 5- IDENTIDADE CORINTHIANA.....	27
Capítulo 6- DEMOCRACIA CORINTHIANA E DITADURA.....	34
Capítulo 7- FIGURAS DESTAQUES	41
7.1 ADILSON MONTEIRO ALVES	41
7.2 SÓCRATES	41
7.3 WLADIMIR.....	44
7.4 CASAGRANDE	44
Capítulo 8- A TORCIDA.....	51
8.1 DIAS ATUAIS.....	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	62

INTRODUÇÃO

A história cultural sofreu grandes transformações em suas formas de abordagens ao longo dos anos; mas sua principal perspectiva em combinar história e antropologia, é uma de suas principais características base que continuam fazendo sentido na lógica deste âmbito da historiografia. Pensar em culturas, é uma atividade sempre complexa, carregada de discussões até mesmo sobre o que seria uma manifestação cultural em si. A ideia de se pensar nas mais variadas formas sociais humanas é um ponto de partida para entendermos o que é cultura, de forma que uma das principais características que distinguem os seres humanos dos demais tipos de animais, é o fato de que formamos, transformamos, aprendemos e nos estabelecemos em variações culturais.

Em 'A História Cultural. Entre Práticas e Representações', Roger Chartier afirma que um trabalho de história cultural tem por principal objetivo identificar o modo como, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Segundo ele, os caminhos para essa compreensão devem levar em consideração variáveis como classes sociais, meios intelectuais, todas as disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo, porque são esses esquemas intelectuais que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado. (STREAPCO, 2010, p.7)

Utilizar as culturas para se observar a história é uma forma de olharmos para as manifestações populares como agente formadora de história; ainda que uma divisão entre “alta” e “baixa” cultura, onde historicamente, uma “alta” cultura era relacionada às manifestações culturais de elite, e uma “baixa” cultura, às manifestações culturais populares; entendemos que tal diferenciação não funciona de forma qualitativa. Por muitos anos, a cultura estudada e percebida como válida era apenas essa chamada “alta” cultura, e tudo aquilo que partia de manifestações culturais populares, era ignorado e/ou inferiorizado.

Podemos pensar em cultura como algo relacionado aos significados, isto é, seria sobre o sentido que damos às percepções que temos do mundo e os sentidos que elas nos dão. Assim, entendemos que o futebol é um grande fenômeno cultural, afinal, para além de um esporte, forma uma lógica de sentidos e significados; além disso, ainda que o futebol tenha nascido como um esporte de elite, sua popularização em massa fez com que atualmente, o mesmo seja um importante fator para se pensar cultura popular. Podemos falar então, em uma cultura do futebol, e é a partir desta conceituação, que se estrutura este trabalho.

Ao voltar nossas análises para o futebol como um fenômeno de cultura popular, buscamos perceber a ação dos indivíduos construindo a história, contrariando uma noção

historiográfica mais anterior à escola dos Annales, onde apenas uma história oficial e documentada por grandes nomes, seria considerada válida. As culturas populares são espaços de palcos onde as pessoas se expressam através de suas vivências e identidades, de forma significativa para se entender os rumos da história da humanidade.

Muito baseado na já superada ideia de uma diferenciação qualitativa entre cultura popular e cultura oficial- onde a cultura popular era inferior- por muito tempo mesmo dentro da academia, o futebol foi entendido como simples fenômeno de alienação, sendo renegado, desprezado e ignorado por aqueles que se entendiam como intelectualmente superiores, e associado à uma ideia de “pão e circo” para a massa populacional, cenário que só começa a mudar no final dos anos 80 (PAULA, 2021), de modo que as pesquisas acadêmicas relacionando o futebol às ciências humanas ainda são muito recentes, um campo em início de exploração.

O futebol revela muito sobre as sociedades, seja através dos acontecimentos históricos em si, ou pelas atitudes dos torcedores, já que o esporte desperta emoções e identidades profundas, ensinando tanto pelos discursos como pela vivência prática em ser um torcedor. Além disso, o esporte permite que o torcedor se manifeste, faça parte de uma coletividade, exerça o intuito da liberdade de optar (escolhendo um clube para torcer, jogadores para idolatrar, tópicos para opinar, etc) e se perceba através da identificação.

Em artigo, Sandro Santos da Rosa relaciona o universo cultural do futebol com as lógicas das práticas culturais religiosas, demonstrando também a dimensão do esporte no tocante às emoções e ao sentido metafísico da vida, sempre aparecendo nas manifestações culturais humanas desde os períodos mais originários. O futebol lida com a fé, a esperança, noções de vida e morte, a sorte, e os mais diversos tipos de afetos humanos, desde o amor pelo clube, até o desprezo em prol da rivalidade com os demais clubes.

(...) constata-se que no “mundo futebolístico” existem comportamentos relacionados à religiosidade, como: fé e esperança na vitória apesar das evidentes dificuldades do jogo; cantos e coreografias para “empurrar” o time (toda a comunidade) à “glória”. Evidentemente esses são componentes essenciais da experiência religiosa. Em outros termos, são elementos que se referem à re-significação, transcendência ou trans-significação do real. Esse último é um termo empregado por José Severino Croatto e parece ser a junção dos dois primeiros. Os comportamentos e/ou elementos elencados (fé, esperança, canto, coreografia) unem pessoas (até mesmo desconhecidas) num mesmo querer, numa mesma paixão, independentemente de etnia, classe social, concepção política ou crença religiosa. Com isso, é plausível a afirmação de que os comportamentos das pessoas que fazem parte do enredo do futebol trazem consigo elementos religiosos que não necessariamente provêm de uma religião ou crença, e sim, fazem parte de uma “experiência religiosa” – de uma

religiosidade – lembrando Eliade: “[...] desde que não esqueçamos de que ela [a religião] não implica necessariamente a crença em Deus, deuses ou fantasmas [...]”. (ROSA, 2014, p.96)

O jogo de futebol conta com uma lógica, uma cronologia de fatos, regras, tempos; toda essa organização caracteriza um ritual seguido e respeitado liturgicamente, sendo parte do significado de torcer, e lembrando as lógicas dos cultos e rituais religiosos. O autor aponta ainda que os cantos das torcidas, seriam o que Rubem Alves elenca como “A experiência do belo” no culto religioso, afinal, “O belo não se encontra nem no sujeito e nem no objeto, mas no momento em que a dicotomia que os separava se dissolve. No êxtase estético sujeito e objeto se unificam numa mesma estrutura significativa”.¹

Rosa finaliza dizendo que assim como a religião, especialmente as manifestações religiosas populares, o futebol por muitas vezes foi e ainda é classificado como “ópio do povo”, como aqui apontado anteriormente.

Tal como a religião, o futebol também é considerado um “ópio” na consideração de alguns intelectuais de esquerda, por desviarem a “massa” do espírito revolucionário. Isso é um indício de como futebol e religião, apesar de serem suportes existenciais da “massa”, ainda são encarados como algo semelhante à política romana do “Pão e circo”: comida e divertimento, e o resto que se exploda! Política, para quê? Entretanto, o que veio antes, o ovo ou a galinha? Um sistema combatido ou o futebol? Se o ser humano não consegue ter “fé” no sistema político-jurídico-econômico, pode ele ter “fé” em práticas “ludibriantes” como religião e futebol que, ao menos, afagam o sofrimento existencial? (ROSA, 2014, p.99)

Levando todos estes pontos em consideração, nesta pesquisa, buscamos em grande modo perceber o futebol como esta força de expressão popular, e partir dele, analisar traços específicos e singulares dos indivíduos e da sociedade como um todo. Utilizamos do Sport Club Corinthians Paulista e sua narrativa identitária em busca de investigar e entender como o futebol, sendo este objeto cultural tão importante, forma identidades das pessoas, sejam as individuais, ou as coletivas, através do fenômeno de torcer para um clube.

Além disso, esta pesquisa busca pensar as identidades políticas dos indivíduos, apontando como o futebol também pode ser um fato extremamente importante para a formação e prática das mesmas, assim, entendemos que as identidades clubísticas, podem tocar e se relacionar com as identidades políticas dos torcedores, especialmente no caso aqui levantado, da identidade corinthiana. Para alcançarmos tais objetivos, contamos com o diálogo com diversos autores, das mais diversas áreas do conhecimento, bem como análises das

¹ ALVES, Rubem. O enigma da religião. 6. ed. Campinas: Papirus, 2007. p. 144.

manifestações oficiais do clube- instituição e ainda, manifestações independentes dos torcedores em geral e das principais torcidas organizadas do Corinthians.

Capítulo 1- CONCEITUANDO IDENTIDADES

Pensar em identidades e os aspectos que a formam, é um assunto complexo, de forma que o termo pode ser facilmente esvaziado de significado, ou ainda, receber tantos significados, que o mesmo esvaziamento de sentido possa acontecer. Ainda assim, acreditamos que a observância de análises e conceituações diversas, podem enriquecer o assunto, desde que bem percebidos e relacionados, desta forma, a fim de tratarmos deste importante tema para a presente pesquisa, partimos de conceitos e definições pré estabelecidas por alguns autores.

O Dicionário do Pensamento Social do Século XX (1996), traz em si uma sessão para pensar as noções de identidade. Parte-se da ideia de que a palavra “identidade” vem do latim “idem”, de onde sai também a palavra “igual”, sendo assim, um interessante ponto inicial para tratarmos do assunto, é pensar na identidade como uma relação e assimilação do ‘outro’. Isso significaria entender que a identidade, ou ainda, as identidades, tanto individuais quanto coletivas, são formadas por processos de reconhecimento. Nenhuma construção de identidade surge aleatoriamente, estas, são formadas e transformadas através das trocas relacionais, onde o indivíduo forma aquilo que compõe sua identidade, enquanto simultaneamente é formado por ela.

(...) essa palavra tem uma longa história filosófica que examina a permanência em meio à mudança e a unidade em meio à diversidade, mas no período moderno está estreitamente ligada à ascensão do individualismo, e considera-se que sua análise tem início com os textos de John Locke e David Hume. É só no século XX, porém, que ela entra em uso popular, reforçado especialmente desde os anos 50, na América do Norte, com a publicação de livros como ‘The Lonely Crowd’ (Riesman et al., 1950) e Identity and Anxiety (Stein et al., 1960). Estes, ao lado de muitas outras obras de literatura e teatro, documentavam a crescente perda de significado na sociedade de massa e a posterior busca de identidade; e durante esse período, a palavra tornou-se amplamente utilizada em descrições dessa busca de determinar “quem a pessoa realmente é”(...) (DICIONÁRIO DO PENSAMENTO SOCIAL DO SÉCULO XX, 1996, p. 369)

Mesmo com as transformações que a ideia de identidade sofre desde seu significado filosófico mais remoto, que buscava relacionar à ideia de permanência, passando pelas influências do individualismo e a busca humana por traçar características que determinam a especificidade de cada um, as noções gerais sobre identidade atualmente, parecem misturar esses polos, de forma que em todos eles, a ideia das identidades serem formadas em processos relacionais, aparentam fazer sentido. Seja em busca de uma continuidade, ou de definir individualidades em oposição com os ‘outros’, o processo passa pelo contato, a relação, e de alguma forma, a troca, com estes ‘outros, ainda que em busca de se identificar pela oposição.

O sociólogo Manuel Castells (1997), entende por identidade “o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda, um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado.” Ele também aponta que um indivíduo pode ter múltiplas identidades, e que estas constituem significados, sendo assim, uma noção mais profunda e complexa do que por exemplo a ideia de papéis sociais. Aprofundando esta ideia, Silva e Vergara (2000) comentam que, “não há sentido em falar-se em uma única identidade dos indivíduos, mas sim em múltiplas identidades que se constroem dinamicamente, ao longo do tempo e nos diferentes contextos ou espaços situacionais dos quais esses indivíduos participam”.

(...) Foi, porém, o psico-historiador Erik Erikson quem mais desenvolveu a ideia. Ele viu a identidade como “um processo ‘localizado’ no cerne do indivíduo e, contudo, também no cerne de sua cultura comunal, um processo que estabelece, na verdade, a identidade dessas duas identidades” (1968, p.22). Ele desenvolveu a expressão “crise de identidade” durante a Segunda Guerra Mundial com pacientes que haviam “perdido o senso de igualdade pessoal e de vida “como parte de seu modelo epigenético de estágio de vida- os oito estágios do homem”. (DICIONÁRIO DO PENSAMENTO SOCIAL DO SÉCULO XX, 1996, p. 369)

A ideia de Erik Erikson evidencia não apenas como a construção das identidades individuais, mas mesmo suas transformações e crises; estão profundamente ligadas a uma identidade contextual, histórico-social. A identidade individual não poderia se formar de maneira independente do contexto onde o ‘eu’ é inserido, entendemos assim que mais uma vez, as identidades se apresentam como formações plurais e relacionais, sendo então, tudo aquilo que compõe o que define os indivíduos, de maneira a os fazer se reconhecer enquanto ser e enquanto componente de um todo.

(...) Como diz Mead: “O ‘Eu’ é a reação do organismo à atitude de outros; o ‘Eu Mesmo’ é o conjunto de atitudes organizadas dos outros que a pessoa assume ela mesma”(Mead, 1934, p.175). É o “Eu Mesmo” que está mais ligado à identidade- ao modo pelo qual chegamos a nos tomar a nós mesmos como objeto através do ato de vermos a nós mesmos e aos outros. (...) As pessoas constroem suas identidades pessoais a partir da cultura em que vivem. (DICIONÁRIO DO PENSAMENTO SOCIAL DO SÉCULO XX, 1996, p. 370)

Seguimos então pensando a partir daqui, noções de identidades coletivas. Em um artigo sobre identidades em organizações, Karina Ribeiro Fernandes e José Carlos Zanelli (2006), apontam que a formação de identidades coletivas acontece com o compartilhamento de objetivos, regras e valores. Mais uma vez nota-se que as questões relacionadas à formação de identidades, sejam elas individuais ou coletivas, são questões sobre as significações construídas no encontro, seja do indivíduo com o mundo e consigo mesmo, ou de forma coletivas, nas trocas e embates que ocorrem com as interações humanas. Pensando no contexto específico de

organizações, os autores também comentam que quando indivíduos diferentes se unem, passam a compartilhar coisas que definirão suas ações e assim formar a identidade daquela coletividade.

Aprofundando a análise para o recorte específico desta pesquisa, entendemos o futebol como um fenômeno cultural de grandes significados, sendo assim um grande formador de identidades, por proporcionar trocas relacionais, emoções profundas e vivências únicas aos indivíduos. Assim, perceber os impactos do esporte nas identidades das pessoas, é algo muito mais complexo do que aparenta ser. Começamos pensando nos significados que permeiam o torcer no futebol. Simone Hashigutti aponta:

Para pensar o “torcer por um time de futebol” como uma prática discursiva e o futebol como um tipo de discurso, cabe ter claros os sentidos de sujeito e de processos de produção de sentido-identificação em Análise de Discurso. O sujeito discursivo, por ser de linguagem, é incompleto, já que a característica da linguagem é também a de ser incompleta. Sujeito e sentido não são formas ou entidades que existem prontos, possibilitando a existência de sentidos literais e de identidades sociais estanques, pois “se configuram ao mesmo tempo” (Orlandi, 1998: 205), no espaço de relação entre a língua e a história. Para fazer sentido, o sujeito é interpelado, se inscrevendo em redes de significação, as formações discursivas, e entrando necessariamente num funcionamento de produção de sentido que é sempre de relação a. (HASHIGUTTI, 2008, p. 2)

Isso significa que o torcer em si já é uma prática identitária, constituída e formadora de discursos; de maneira que no ato de torcer estão implícitas as formas dos indivíduos se manifestarem como sujeitos sociais. O torcer não é então irracional e ilógico, mas é expressivo e carregado de significados. A autora segue dizendo:

A identificação, nesse sentido, é o que surge dessa inscrição nas redes de significação. É quando “o sentido faz sentido” (Orlandi, 1998: 206). Assim funciona a identificação do sujeito com a posição discursiva “torcedor”. Ocupar a posição sujeito-torcedor, ou não, de time de futebol, discursivamente, não é uma questão de escolha consciente. O sujeito se filia pelo próprio funcionamento do processo discursivo, por uma identificação com uma rede de sentidos que identifica um grupo (uma instituição) e o identifica. (HASHIGUTTI, 2008, p. 2)

Nota-se como o futebol, neste caso através da prática de torcer, se revela como um grande formador de identidades ao proporcionar essa ideia de “sentido que faz sentido”, ou em outras palavras, a identificação. Torcer se torna uma prática transformadora da realidade como forma de expressão de identidades, sejam estas conscientes ou inconscientes.

Luisa Almeida de Paula (2021) afirma que ainda que o futebol tenha potencial alienador, ele ainda serve para explicar a dinâmica histórico-cultural de diversos problemas e questões nacionais, a autora também afirma que “O futebol promove uma série de identidades: a identidade pessoal ou individual, ao permitir que cada um tenha o direito de escolher um

clube, time ou ídolo esportivo; e a identidade coletiva, que iguala os torcedores em um mesmo clube.” Krause (2010) cita o poeta Carlos Drummond, que associa o fenômeno do torcedor de futebol com a necessidade de optar, onde ele afirma: "(...) Somos Fluminenses ou Vasco pela necessidade de optar, como somos liberais, socialistas ou reacionários.”

No livro “Comunidades Imaginadas”(1991), o historiador Benedict Anderson busca entender o fenômeno do nacionalismo, e para isso, formula a ideia de “Comunidades Imaginadas”, afirmando que as comunidades nacionais existem no imaginário das pessoas, antes de virem a existir territorialmente. O autor vai mostrar como que o nacionalismo para além de um projeto político, é um sentimento, um fenômeno baseado em emoções identitárias, assim, antes das nações serem inventadas, elas são imaginadas, de forma que elas não se legitimam por serem “verdadeiras” ou “falsas”, mas sim por fazerem sentido na formação das identidades individuais e coletivas. Além disso, ao focar na ideia de nações como comunidades, o autor fala em como existe uma “camaradagem horizontal”, isto é, uma ideia de “nós”, criando um sentimento de pertencimento do meio. Ao explicar por que considera as nações imaginadas, Anderson diz:

Ela é imaginada porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão ou nem sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles (ANDERSON, 1991, p. 32)

Weber (1974) propõe a definição de nação como “comunidade de sentimento”, de forma que estas conceituações são interessantes e complementares aqui, por definirem exatamente o que observamos acontecer nas torcidas de futebol, de forma que estas se tornam espécies de nações, se enquadrando, mantidas as proporções, nesta definição funcional de comunidades imaginadas; assim, utilizamos o conceito de Anderson, referente às torcidas de futebol como estas espécies de nações, onde a formação de identidade individual e coletiva acontece.

Ainda sobre a ideia de nação dentro das torcidas de futebol, Krause (2010) utiliza-se de Damo (2002) para comentar algumas premissas básicas no futebol:

(...) A ideia de solidariedade grupal em torno de um sentimento específico (pertencimento clubístico); a incerteza em relação às ações decorrentes desta solidariedade (violência física ou simbólica); a segmentação e a fluidez grupal (torcidas organizadas/outros torcedores); e as disputas em torno de valores. (KRAUSE, 2010, p. 35)

Nota-se que o futebol move os sentimentos das pessoas, sejam sentimentos individuais ou coletivos; reveste de sensação de pertencimento e identificação, cria conexões entre indivíduos diferentes que encontram algo maior que os une, e desenvolve valores e afetos, sendo assim, fundamental para entendermos as identidades, personalidades e os comportamentos dos indivíduos, seja como torcedores e parte de uma coletividade, ou mesmo como cidadãos. Torcedores de um mesmo clube, se reconhecem ainda que não se conheçam pessoalmente e até morem em lugares distantes, a camaradagem é o fator principal entre torcedores, sempre existindo apesar das diferenças (KRAUSE, 2010).

Novamente, as palavras dos citados autores parecem definir o que são as torcidas de futebol. É realmente um sentimento de nacionalismo. O clube de futebol se torna uma espécie de “nação”, assim, é comum ver torcedores fazendo referências a nações e países (e até ao planeta) quando comunicam o sentimento que a vivência de torcedor os proporciona. Percebemos isso com os torcedores do Flamengo se denominando como “nação rubro-negra”, ou quando os torcedores do Bahia afirmam “o Bahia é o mundo”, e ainda pelos nomes de torcidas organizadas, como a “Império Alviverde” do Coritiba, ou a “Nação CV”, do Internacional.

É comum também que os jogadores considerados “craques” sejam reverenciados, e que tais reverências sejam reforçadas (ou criadas) pela mídia. Assim, são frequentes títulos como “imperadores” (“imperador” Adriano), “reis” (“rei” Pelé), “príncipes” (“príncipe” Kaká) e outras formas que fazem referência a cargos políticos e de grande poder numa conjuntura (“embaixador”, “presidente” Ronaldo), retomando a relação historicamente marcada entre Estado e Igreja, abrindo espaço para a enunciação das expressões de adoração, e retomando também, os mitos olímpicos relacionados à força física e ao esporte. (HASHIGUTTI, 2008, p. 9)

Nota-se também a relação com a organização política dos coletivos e torcidas organizadas. Hashigutti utiliza-se da maior torcida organizada do Corinthians, a Gaviões da Fiel, que possui um caráter extremamente politizado (desde sua fundação, se manifestando contra o então presidente do clube, Wadih Helu, até participando de manifestações pela anistia, em 1979), para melhor entender este fenômeno.

(...) O que Pimenta chamou de uma organização burocrática/militar, na Gaviões da Fiel, foi a organização institucional do grupo, com o estabelecimento de uma hierarquia de poderes – presidente, vice, conselheiros –, e eleições para preencher esses cargos, e também a organização espacial elaborada de forma militar. A Gaviões foi a primeira a distribuir seus membros nas arquibancadas em grupos nomeados segundo táticas e estratégias militares de defesa: “linha e pelotão de frente, combate etc. (HASHIGUTTI, 2008, p. 12)

Igor José de Renó Machado (2000), também aponta que o futebol proporciona a criação de laços entre os indivíduos como "aliados virtuais", de forma que um simples olhar para um desconhecido na rua que esteja utilizando uma camisa do seu time do coração, proporciona identificação ao se reconhecerem como "torcedores" do mesmo clube e criando automaticamente um sentimento de serem, como nomeia o autor, "cidadãos futebolísticos", unidos por uma mesma nação imaginada.

É importante ressaltarmos que tanto o futebol quanto o nacionalismo possuem um forte caráter de formadores de identidades, mas observamos o futebol sendo associado ao nacionalismo para assim criar uma ideia de orgulho e amor pela nação através da figura do futebol. Este fenômeno tão enraizado na sociedade brasileira, foi difundido como projeto político, por exemplo, no governo de Getúlio Vargas.

(...) A partir da década de 1930, o Estado brasileiro, sob o comando de Getúlio Vargas, conteve as mobilizações promovidas pelos trabalhadores ao enquadrar tanto a classe operária quanto a burguesia industrial sob seu controle; para tanto, um dos elementos utilizados foi o futebol que, além de instrumento de desmobilização política, serviu à edificação de certa identidade nacional, em pleno período do Estado Novo (1937-1945). O sucesso do Brasil na Copa de 1938, realizada na França, teria dado consistência às intenções varguistas. (KUPPER, 2018, p. 1)

Capítulo 2- FUTEBOL E POLÍTICA

Partindo desses pressupostos sobre as ideias de identidades e suas formações, e de entendemos o futebol como um grande formador de identidade, onde através da identificação com um clube e mesmo com a própria vivência de torcedor, o indivíduo molda mais do que simples atitudes, mas toda uma mentalidade, influenciando em sua forma de perceber o mundo, percebemos como isso se aplica até mesmo na forma de agir politicamente.

Gellner (1983), indica que meios de comunicação de massa, uma linguagem compartilhada e um sistema educacional, se tornam instrumentos extremamente importantes para a criação de um sentimento de nacionalidade, como anteriormente apontado, percebemos como os clubes de futebol podem desenvolver em seus torcedores o sentimento de identidade nacional, de forma que não apenas pode-se entender a importância das seleções de futebol para que se afirme e renove o sentimento de nacionalismo das pessoas, como muitas vezes percebe-se torcedores possuindo esse tipo de sentimento por seus times, em uma conexão maior até do que com a seleção de seus países, seus times do coração se tornam suas nações. O futebol proporciona a ideia de comunidade e de compartilhamento.

Existe ainda uma interessante ligação entre o futebol e a ideia de democracia, isso é apontado por vários autores. Mariana Zuaneti Martins e Heloisa Helena Baldy dos Reis (2017) afirmam que o futebol proporciona naturalmente uma alternância de poderes, isto é, vencedores e perdedores; produz emoções como a incerteza para o que Norbert Elias² chama de “equilíbrio das tensões”, uma dinâmica onde por definição, o poder deve ser alternado, de forma que se esta característica for retirada do futebol, ele se descaracteriza e perde a emoção que conquista a tantos. As autoras chegam a dizer que para muitos, o futebol é um espaço onde a democracia aconteceria plenamente. Krause (2010) cita DaMatta (1994), ao apontar que através de leis universais, transparentes e que devem ser seguidas por todos, independente de quem está perdendo ou ganhando, o futebol nos proporciona uma grande experiência democrática. Marcos Guterman (2009) também comenta que a própria história da disseminação do futebol no Brasil aponta que foi no esporte que os trabalhadores encontraram a “essência democrática que lhe era negada em todas as outras áreas”.

² SOUZA, C. B. Civilização e violência: Norbert Elias e a construção da teoria dos processos civilizadores para explicação da vida civilizada. ANPOCS. NÚMERO: 0859-1.

Além disso, ao participar da torcida de seu time, o indivíduo consegue ter uma participação dentro das políticas do clube, que muitas vezes é maior e mais palpável do que na política do país. A exemplo disso, podemos apontar a torcida do Sport Clube Corinthians Paulista- clube que será foco de nossas análises- que é conhecida pela famosa frase do jornalista José Roberto Aquino “Todo time tem uma torcida. O Corinthians é uma torcida que tem um time.”³ Isso demonstra como o coletivo das pessoas é o que faz o clube existir e se manter, e não o oposto, de forma que os torcedores costumemente fazem protestos e reivindicações sobre as decisões do clube, levando à diretoria a repensar e mudar várias atitudes e posicionamentos, o torcedor se sente mais do que parte de um coletivo, mas agente transformador daquela realidade.

Isso é observado nos clubes em geral, mas alguns clubes possuem torcidas mais participativas e com caráter de manifestação intrínseca, como é o caso do Corinthians. Antônio Jordão Netto diz:

(...)De qualquer forma, torcer para o CORINTHIANS surgiria como uma espécie de alternativa política não conscientizada, na medida em que fazendo parte da “massa” torcedora o indivíduo obteria alguma satisfação pela sensação de poder e força que essa “massa” proporcionaria, ao mesmo tempo que a constituição de torcedores identificados com o clube, mas independentes dele sob todos os aspectos, as chamadas “torcidas organizadas” (Gaviões da Fiel, Camisa 12, etc) representaria um dos raros exemplos de organização dos setores populares a partir de suas bases (NETTO, 2010).

DaMatta (1994) diz:

Talvez o futebol possa ser tudo isso porque ele é uma atividade dotada de uma notável multivocalidade – uma vocação complexa que permite entendê-lo e vê-lo simultaneamente de muitos pontos de vista. Assim, embora o futebol seja uma atividade moderna, um espetáculo pago, produzido e realizado por profissionais da indústria cultural, dentro dos mais extremados objetivos capitalistas ou burgueses, ele, não obstante, também orchestra componentes cívicos básicos, identidades sociais importantes, valores culturais profundos e gostos individuais singulares. (DAMATTA, 1994, p. 12)

A principal ideia aqui, é analisar este fenômeno através da identidade dos torcedores do Sport Clube Corinthians Paulista, mas antes de falarmos sobre o clube em si, trataremos um pouco sobre a história do futebol em geral, sua chegada ao Brasil, e em especial, seu crescimento e desenvolvimento no estado de São Paulo.

³ Disponível em: <https://www.corinthians.com.br/clube/identidade>

Capítulo 3- BREVE HISTÓRIA DO FUTEBOL

Começamos pensando na história do futebol, que nasce na Europa, mais especificamente na Inglaterra. Nos séculos XVI até meados do XIX, o futebol era puramente uma prática de diversão da nobreza, em um momento do passado onde os esportes serviam para se simular campos de guerra bem como treinar para combates, assim, o futebol era considerado violento e “desregrado” demais para que fosse praticado pelos camponeses, e que poderia instigar alguma agressividade e até rebelião destes. Alex Fernandes de Oliveira (2012), chega a comentar que o clero condenava a prática, porque os homens preferiam jogar futebol à ir às missas. O autor também aponta que a revolução industrial foi extremamente importante na história do futebol, já que com ela, o esporte chegou às fábricas e se tornou popular entre os trabalhadores, onde nesse contexto, o esporte era combatido pela burguesia que reclamava que a produção dos trabalhadores poderia ser afetada pelo futebol.

A conquista das folgas aos sábados, fez com que fosse costumeiro que os trabalhadores utilizassem esse dia da semana para jogar. O futebol vai se difundindo e se tornando cada vez mais popular, de forma que combatê-lo era impossível, assim, cria-se regras e normas, para que o esporte pudesse acontecer de forma organizada, mas para além disso, DaMatta (1982), aponta que este futebol foi usado como ferramenta para estabelecer a ideia capitalista de, nas palavras de Alex Fernandes de Oliveira (2012) “(...) competitividade dentro de regras pré-estabelecidas.”

Quanto à disseminação no esporte que foi trago para o Brasil por Charles Miller, Guilherme Kurtz Krause (2010) comenta que ele foi trazido por funcionários ingleses, se difundiu através dos times de várzea, criados por trabalhadores das estradas de ferro, e pelos clubes criados pelas elites, desta forma, no Brasil recém republicano, o futebol consegue ir tomando espaço entre os grupos de elite, mas também, entre a massa populacional, principalmente com a criação dos times de várzea, por negros, mulatos e trabalhadores urbanos no geral. Ainda assim é importante destacar que inicialmente o esporte era majoritariamente um espaço da elite, de forma que apenas quando os times de homens brancos e ricos precisavam de jogadores decisivos para decidirem títulos, aparecia-se oportunidades para negros e operários, como aponta Marcos Guterman (2009), o próprio termo “várzea”, para designar os jogos amadores, se deu quando os times de operários de São Paulo se organizavam na Várzea do Carmo, que também havia abrigado o início do futebol da elite. Cleber Dias (2008), aponta:

(...) os pobres eram “intrusos no espetáculo”. No entanto, com o tempo, a limitação da presença das camadas populares foi paulatinamente dando lugar a uma popularização. A fase branca e inglesa dava lugar a uma fase em que brasileiros pretos e pobres começavam a entrar em campo, ainda que timidamente. É o início do surgimento dos “clubes de esquina”, “times de pobre”, como o Corinthians Paulista ou o Vasco da Gama. (DIAS, 2008, p. 3)

Uma das grandes discussões do início da história do futebol, era acerca de se o esporte deveria se manter amador, como queriam os clubes de elite que acreditavam que essa era parte da essência do esporte; ou se os clubes poderiam se profissionalizar, este que era o desejo dos clubes mais pobres compostos por trabalhadores que gostariam de poder ganhar dinheiro com o futebol. Guterman (2009) ainda mostra que a elite queria manter o amadorismo para preservar o espírito de “fair play” e cavalheirismo entre os jogadores e afastar do futebol da massa de imigrantes iletrados, dos operários e ex-escravizados, já que o futebol jogado nas ruas possuía um ritmo diferente, era menos enrijecido pelas regras, e era mais violento, a ponto de que o esporte chegou a ser proibido nas ruas da Inglaterra, logo que foi se popularizando no país. Fica claro que as disputas eram também políticas, apontando uma luta de classes que se estendia ao campo.

O problema surgiu quando alguns clubes de origem operária pretendem disputar o mesmo campeonato e compartilhar o mesmo espaço, até então, reservado para os jogadores e torcedores da elite. Isto representava uma ameaça de invasão das arquibancadas pelas classes menos abastadas e pelos operários, para acompanharem os feitos dos seus representantes contra a elite local. A novidade que incomodava era a possibilidade de compartilhar com os seus empregados o mesmo espaço e, o que poderia ser ainda pior, perder para eles. (LOUZADA, 2011, p.17)

A primeira parte do século XX, foi então marcada por essa divisão e pelas tensões entre o futebol de amadorismo ou de profissionalismo, elite ou popular, brancos ou negros, questões claramente políticas, mostrando como o futebol é um espaço interessante de reflexões e acontecimentos político-sociais, sendo de extrema importância para que se possa melhor entender as características e a história das sociedades em seus tempos.

No entanto, assim que transpõe os muros escolares, se difunde e conquista adeptos entre os diversos segmentos sociais e, desse modo, passa a desempenhar, também, a função de adaptar o homem à lógica da vida nas cidades e ao modo de trabalho nas fábricas, pois o que caracteriza os esportes surgidos neste período, de acordo com Sevcenko “é a pressão dos desempenhos contra o rigor do cronômetro, a circunstância precisa do espaço de ação e a definição de regras fixas [...] os desempenhos são medidos na linguagem abstrata dos números (SEVECENKO, 1994, 33). (LOUZADA, 2011, p. 4)

Por todas essas questões, nota-se que a história da chegada do futebol no Brasil se confunde e se mistura com a própria história do país. Um esporte que encontra um Brasil recém republicano, que havia acabado de passar pela abolição da escravatura e agora lidava com os

empasses das formações de cidades e grandes centros urbanos, bem como a massificação da população trabalhadora e operária, a modernidade e as transformações comerciais; seria então um esporte que tem sua história marcada pelos reflexos de todos esses conflitos e acontecimentos. Kaz; Costa e Silva (2013) chegam a dizer que “Seria pouco dizer que o futebol, junto com a música popular, tornou-se a partir daí um dos pilares fundamentais desse mito. Melhor seria dizer que ele se confundiu de tal modo com esse mito que o mito passou a ser ele.”

Além disso, enquanto uma atividade que surge e se desenvolve em um ambiente, no qual ocorre a consolidação das modernas cidades industriais, o futebol assumiu, também, a função de criar novas identidades e vínculos de solidariedade e as bases emocionais de coesão para, como registra Sevcenko (Sevcenko, 1994,35), “substituir as comunidades e laços de parentescos”, que milhares de pessoas deixaram para trás ao migrarem para os novos e emergentes centros urbanos. Neste sentido, atribui-se ao futebol a capacidade de irmanar estranhos, de fazê-los comungarem ideais, em suma, consolidar gigantescas famílias vestindo as cores dos seus clubes preferidos. (LOUZADA, 2011, p.4-5)

Capítulo 4- HISTÓRIA DO SPORT CLUB CORINTHIANS PAULISTA

Iniciaremos falando um pouco sobre a história do Corinthian Football Club, um clube de futebol fundado em 1882 em Londres, era um time amador e que possuía como principal missão, levar o futebol para o mundo todo através de excursões. Sobre isso, Watney e Rosolino (2021), apontam:

Além de compartilhar dicas técnicas e táticas, o Corinthian estabeleceu um nobre padrão de conduta para os praticantes do jogo: atuar de maneira honesta, respeitar os adversários e valorizar os torcedores. Ao celebrar o amor ao futebol, contribuíram decisivamente para torná-lo o esporte mais popular do mundo. (WATNEY, ROSOLINO, 2021, p.11)

O time não aceitava participar de competições que dessem prêmios, bem como não aceitavam receber qualquer tipo de remuneração, afinal, a ideia era do futebol pelo futebol, de forma que espalharam não apenas o jogo em si, mas essa filosofia de afeto pelo esporte sem querer nada em troca. Acreditavam que o futebol deveria alcançar o mundo inteiro, mas não por ter potencial movimentador de capital financeiro.

Em uma de suas excursões pelo Brasil, o Corinthian chamou a atenção de cinco trabalhadores brasileiros: Joaquim Ambrósio, Carlos da Silva, Rafael Perrone e Anselmo Correia; estes, funcionários de uma oficina mecânica da Lapa; e Antônio Pereira, empreiteiro e pintor de paredes. Estes trabalhadores, inspirados pela atuação e filosofia do time inglês, decidiram se unir e em 1º de setembro de 1910, fundando no bairro de Bom Retiro, o Sport Clube Corinthians Paulista. É importante também citar o papel de Antônio Perrone, esposa de Rafael Perrone, um dos fundadores do clube. Antônio teve participação ativa na consolidação do Corinthians, e em 1913, ela, uma mulher negra, e que até hoje é chamada pela torcida como “a primeira corinthiana”, bordou o primeiro símbolo do time nos primeiros uniformes.

Formado em um bairro pobre e que abrigava operários e trabalhadores urbanos, o Corinthians já teria nascido refletindo essa imagem popular e trabalhadora do meio urbano de São Paulo. Watney e Rosolino (2021), comentam que o clube buscava ser um espaço de representação do bairro, e apontam:

Nesse ínterim, no bairro de Bom Retiro havia agitação política, estudantil, esportiva e cultural, com peças teatrais inspiradas nas ideias dos ativistas Bakinin e Malatesta. Na região, estavam estabelecidos o Liceu de Artes e Ofícios, o Desinfectório Central e a escola libertária Germinal, além de várias células de tendência anarquista, interessadas em projetos de autogestão popular.” E para se criar um clube que visava quebrar barreiras segregacionistas, nada mais justo do que homenagear um clube que atravessava o oceano em busca de compartilhar sua verdade (WATNEY, ROSOLINO, 2021, p.55)

Ainda sobre essa formação original do clube, Louzada (2011), aponta:

(...) o Sport Club Corinthians Paulista, que surge como associação esportiva e cultural no bairro do Bom Retiro e se posiciona inicialmente como um clube de bairro, havendo inclusive, por parte de alguns dos seus fundadores, uma forte resistência em filiar-se a APSA, pois isto poderia descaracterizá-lo como clube representativo do bairro onde nasceu (Negreiros, 1992). No entanto, apesar dessa resistência inicial, com o seu crescimento e a sua consolidação como um grande clube, deixa o bairro do Bom Retiro e se instala na Zona Leste da cidade, região que surge e se desenvolve a partir das vilas de operários que se formaram em torno das fábricas que se instalaram ao longo das ferrovias que cortavam a cidade no começo do século passado. (LOUZADA, 2011, p.20-21)

Observa-se como um caráter popular e urbano fazem parte da identidade do clube desde sua formação, bem como um caráter politicamente ativo, efetivamente democrático, de participação da massa trabalhadora (inclusive abraçando os trabalhadores imigrantes), agregador e que em sua filosofia buscava ser livre de preconceitos, e que conseguisse romper as barreiras do domínio das elites no futebol, mais do que levando o esporte para o público de massa, mas sendo um espaço de representatividade e poder popular. Streapco aponta que:

O Corinthians adquiriu sua sede atual, o Parque São Jorge, em 1928. Pertencia, até então, ao Esporte Clube Sírio e custou 28.000\$000. Sua localização na zona leste de São Paulo, no bairro do Tatuapé, região fabril da cidade, reforçou ainda mais a identidade do clube com o operariado. (STREAPCO, 2010, p. 24)

A vida do clube se mistura com os acontecimentos do país, a expansão da urbanização e as questões políticas vindas com o crescimento da classe trabalhadora, a ideia do clube também se mostrava inusitada, já que os cinco fundadores queriam um time de negros e brancos, então, como aponta Guterman (2009), “ seriao “clube dos operários”, o “clube do povo”- não tinha sede nem dinheiro, mas tinha time e vontade de ingressar naquele fechadíssimo círculo do futebol da elite que já apaixonava a cidade.”

O estatuto do clube previa que ele seria aberto para todos, “não se observando nacionalidade, religião ou política”, já se mostrando extremamente inovador para a época, o clube também é um reflexo de um momento em que os operários passavam a se unir e se organizarem na cidade de São Paulo (GUTERMAN, 2009), trazendo lembranças e conexões até mesmo com as organizações e movimentos de trabalhadores das fábricas, que se torna mais forte a partir dos anos 20. O Corinthians utiliza-se da união proporcionada pelo futebol para que esta coletividade representasse também uma força política.

As palavras de Watney e Rosolino (2021), expressam o resumo do que a criação do Sport Clube Corinthians Paulista representava naquele momento e contexto:

E assim, finalmente, as lavadeiras do Glicério, os boleiros da Várzea do Carmo, os ferroviários de mãos calosas, as tecelãs mal pagas, as enfermeiras dedicadas, os combatentes da saúde pública, os barbeiros, os alfaiates, os braçais, os estudantes de artes, os pintores, os pedreiros, os engraxates, os padeiros e todos os sonhadores da terra de Tibiricá tinham um time para chamar de seu: Sport Clube Corinthians Paulista. (WATNEY, ROSOLINO, 2021, p.57)

O Corinthians é um time que se apega muito à sua história e seus símbolos como itens fundamentais para a formação de uma identidade Corinthiana, isso é percebido pelo fato de que o site oficial do clube possui uma página chamada “identidade”, que traz informações sobre os escudos que o clube já teve, o mosqueteiro como mascote, as várias camisas e suas histórias, a fama que a torcida tem de ser guerreira, e a própria torcida é um tópico no site (mostrando-se como item fundamental para se entender o “Corinthianismo”); os hinos do clube e enfim, o padroeiro São Jorge. Cada um desses tópicos recebe descrições históricas de como se tornaram grandes símbolos que caracterizam o espírito Corinthiano, assim o apego à sua própria história é reconhecido pelo próprio clube como um fator importante para se reconhecer e se identificar como corinthiano.

Capítulo 5- IDENTIDADE CORINTHIANA

Seguindo o raciocínio aqui já apresentado de que as identidades são formadas e transformadas a partir das relações, sejam elas de reconhecimento, ou através das oposições, buscamos analisar mais profundamente o fenômeno da rivalidade no futebol como algo essencial para a construção e reafirmação das identidades. No contexto do futebol, nota-se que a rivalidade entre os clubes, é essencial não apenas para a lógica do jogo e do torcer, mas para a reafirmação das identidades clubísticas através da ideia de não ser o rival.

(...) a rivalidade entre os torcedores de futebol funda-se basicamente no modo como a diferença entre as identidades clubes é percebida pelas torcidas. É na identificação com um clube que uma pessoa torna-se torcedor e, ao fazer a escolha por um clube, se predispõe a se opor aos diferentes. Formam-se “tribos” com crenças e tradições particulares. Uma olha para outra com desprezo e superioridade (Morato, 2005). (LOUZADA, 2011, p.5)

Ainda pensando nos fatores históricos como importantes pontos para se entender que identidade corinthiana seria esta a qual nos referimos aqui, e ainda o que ela comunica, é importante se falar das raízes históricas da existência do “Derby”, palavra originada das corridas de cavalos, e hoje utilizada para se referir à grandes disputas esportivas; é o nome dado aos jogos entre o Corinthians e o Palmeiras, maiores rivais um do outro. Guterman (2009) aponta que a rivalidade entre os times surge quando imigrantes são atraídos pela industrialização de São Paulo. Sendo o Corinthians, desde sua formação, um time de proletários, e o então Palestra Itália, atual Palmeiras, um clube de torcedores da colônia italiana na cidade de São Paulo, a rivalidade é dada por uma “oposição entre o elemento local, nativo, e o elemento estrangeiro em ascensão”, e uma disputa de mercado de trabalho entre esses dois tipos de trabalhadores. Mais uma vez, a história do clube se mistura com o cenário geral do país.

As narrativas e memórias das duas equipes apontam como razões para tal rivalidade motivações nacionais: a origem italiana do Palmeiras e a espanhola do Corinthians; de classe: a origem classe média dos palmeirenses e a origem humilde dos corinthianos; raciais: o Corinthians foi o primeiro a se abrir aos negros e o Palmeiras, o último; e as disputas no campo de jogo: sempre acirradas pelos motivos acima expostos. (STREAPCO, 2010, p. 131)

Além deste fator, estudos do historiador Marco Aurélio Duque Lourenço, apontam que a rivalidade se estabelece com o fim do clube Paulistano, em 1930, um time de elite e que lutava para que o futebol se mantivesse amador e impossibilitando as classes mais baixas de participarem do esporte. Corinthians, Palmeiras e Paulistano eram os três times mais fortes do futebol paulista na década de 30, mas com o fim do Paulistano, Corinthians e Palmeiras se

tornaram os dois principais times paulistas, e os jogos entre eles geravam um público muito grande, assim a rivalidade foi aumentando.

Outro fator importante para se entender essa rivalidade, é um fenômeno muito conhecido e estudado por historiadores: a criação de memória. João Paulo França Streapco (2010), em sua tese aponta como muitos mitos sobre os três principais times paulistas, São Paulo, Corinthians e Palmeiras, constroem e alimentam a rivalidade. Entendemos que a criação de mitos e a reinvenção de memória constrói a forma das pessoas entenderem o mundo, isso significa que mais do que apontar um fato ou uma criação, estes fenômenos indicam muito sobre a identidade expressada por cada grupo.

No entanto, a análise da documentação encontrada até agora deixa claro que na trajetória de Corinthians e Palmeiras, a construção das memórias de cada equipe passou por uma situação semelhante à descrita pelo antropólogo norte-americano Sahlins sobre a trajetória de atenienses e espartanos: trata-se de uma competição cismogênica, na qual os relatos, memórias e identidades de cada clube foram construídos em uma relação de ponto e contraponto entre duas equipes, pela qual, a história e/ou a trajetória de um clube se definiu na negação da história/trajetória do outro clube. E, o mais interessante, os elementos que os aproximam foram deliberadamente apagados da memória oficial dos clubes no decorrer do século XX. (STREAPCO, 2010, p. 131)

Em um artigo sobre como os mitos mantém a rivalidade entre os clubes paulistas de futebol, Antonio Carlos Quinto (2012), utiliza-se de João Paulo França Streapco, que aponta que “Mitos como o Corinthians é o time do povo, o São Paulo tem a elite como torcida e o Palmeiras representa toda a colônia italiana da cidade não refletem a verdade, mas ainda são mantidos e estimulam rivalidades.” Sabe-se ainda que o título de “time do povo” é dado e disputado a vários clubes, sendo também, por vezes, um título político; e ainda que os três times possuam torcedores de todas as camadas e classes sociais, nota-se que a representação desses mitos existir até hoje e ser usada pelas próprias torcidas como estigmas e formas de identificação, indica por exemplo, como o Corinthians faz questão de criar e firmar uma identidade baseada em sua origem popular e independente.

Isso permite dizer que a identidade dos três clubes é formada, no imaginário dos torcedores, por fragmentos da história de criação de cada uma das associações esportivas, que são reafirmados pelos seus dirigentes. (LOUZADA, 2011, p.24)

Os estereótipos servem para reafirmar ideias pré concebidas, mas também para firmar a identidade, isto é, o torcedor corinthiano abraça essa identidade popular e politizada-independente de sua classe social- bem como o indivíduo trabalhador urbano, parte da massa populacional e muitas vezes já politizado, se identifica com o clube e se torna um

torcedor, parte deste projeto de nação imaginada, desenvolve afeto, identificação e investe nessa ideia, assim, evidenciando nossa ideia principal aqui estabelecida de que a identidade do torcedor é formada pelo clube ao mesmo tempo que a identidade do clube é formada pelo torcedor. Mitos também são parte da formação da memória, e Pollak (1992) diz que memória é:

elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (AUGRAS, 1992, p. 212)

Em artigo, João Manuel Casquinha Malaia Santos (2014), busca entender como a ideia de “time do povo” influencia na criação de uma identidade organizacional, isto é, “aquilo os membros de uma organização clamam ser central, distintivo e duradouro sobre uma organização” (ALBERT; WHETTEN, 1985), que pode ser uma das explicações do constante crescimento do time e do número de torcedores. O autor trabalha inclusive com a hipótese de que os gestores do clube perceberam este potencial, e passaram a cada vez mais consolidar uma identidade do clube relacionada a sua história popular e identificada com as camadas populares, assim, a identidade organizacional se torna fundamental para se entender o crescimento do time, que se mantém mesmo nos momentos de derrotas em campo, o que veremos melhor adiante. Nota-se esta utilização por parte da gestão por questões como, o Centro de Treinamento do clube, o CT Joaquim Grava, é também conhecido como República Popular do Corinthians, e até mesmo o programa de sócio-torcedor, leva o mesmo nome, unindo o clube com termos que relacionam política, futebol e o povo.

Enquanto o Corinthians é o clube das ‘raças misturadas’ ‘o mais autenticamente brasileiro’ sua torcida é designada como ‘a grande massa assalariada’, ‘mais pobre e de pouca mobilidade social’, ‘os explorados’. Através dessas duas operações os debatedores, e a Folha de S. Paulo por meio deles, fazem do Corinthians e sua torcida um objeto de representação política que, via classe ou via raça, indica uma maioria pobre e mestiça: o povo. (AGUILERA, 2004: 51)

Gioia, Schultz e Corley (2000), apontam que esta identidade organizacional é constituída nas organizações através do tempo, sendo a história um excelente fator criador e reconstrutor da manutenção dessa identidade, expressando os ideais fundamentais de uma organização e utilizando-se deles para despertar emoções, como é o caso de constantemente associar o Corinthians às camadas populares, abraçando as razões que fizeram o clube nascer, ainda que este tenha se transformado em uma grande instituição ao longo do tempo, o caráter de massa se mantém, despertando as emoções necessárias para a identificação do torcedor,

identificação esta que como já vimos, significa na construção de identidades, inclusive a identidade política.

Nas análises de João Manuel Casquinha Malaia Santos (2014), ele aponta que a mídia começa a usar “time do povo” para se referir ao Corinthians na década de 50, onde em 1955 o time ganha a taça do IV Centenário de São Paulo e o jornal Folha do Norte escreve “Corinthians, o time do povo”. Times como o Clube Atlético Mineiro e o Clube de Regatas do Flamengo, também são conhecidos como “time do povo”, cada um em seu respectivo estado e com suas respectivas criações de memórias. Ao citar o jornalista Moacir Werneck de Castro em 1976, ainda que em sua matéria reproduz diversos pensamentos tradicionais sobre o futebol ser o ópio do povo, nota-se a relação entre o Corinthians como “time do povo”, e as emoções que o clube desperta no povo. O autor ainda diz:

Em 12 de dezembro de 1976, o jornalista Moacir Werneck de Castro escreveu uma crônica para O Estado de São Paulo, de título “A Estranha força da paixão não correspondida” (p. 81). Castro apontava que muitos sociólogos viam na explosão corintiana um desabafo contra a repressão, a carestia e a opressão”. Notava ainda que grande parte da torcida ganhava “pouco mais que um salário-mínimo” e gastava “até 30% para ver o time”. Para este torcedor nada teria importância sem seu time.(SANTOS, 2014, p. 9)

Mesmo no site oficial do clube, a história do clube é contada de forma a reafirmar este rótulo de “time do povo”, dizendo:

Às 20h30 do dia 1o de setembro, à luz de um lampião, na esquina das ruas José Paulino e Cônego Martins, no bairro do Bom Retiro, o grupo de operários [...] fundou o Sport Club Corinthians Paulista. [...] O presidente escolhido por eles foi o alfaiate Miguel Battaglia, que, já no primeiro momento, afirmou: "O Corinthians vai ser o time do povo e o povo é quem vai fazer o time".⁴

A frase final, atribuída ao primeiro presidente do clube (que é descrito como um alfaiate, uma descrição proposital, reafirmando mais uma vez o caráter operário do clube), já o associa à imagem de “time do povo”, bem como já introduz uma característica muito grande do Corinthians, a de que este é um clube criado para funcionar com extrema participação da torcida, já desenhando ares de um time democrático, onde o povo tem poder decisivo, e onde a ideia de torcida e clube se misturam, tornando-se mais do que uma comunidade imaginada, como sugerimos anteriormente ao utilizar o conceito de Benedict Anderson, mas uma comunidade imaginada democrática.

⁴ Acesso em: <https://www.corinthians.com.br/clube/historia>

Sendo a memória um elemento fundamental para se entender as identidades, Le Goff (1990) entende que esta tem a ver com “a propriedade de conservar certas informações”, ela constrói e reconstrói nossas informações e percepções sobre o passado, gerando ou não identificações, e assim, trabalhando na manutenção das identidades. Em outro artigo, João Manuel Casquinha Malaia Santos e Alex Lopes Granja (2016), trabalham mais um aspecto da identidade Corinthiana, neste caso, buscam entender como a memória dos torcedores do Corinthians, é um elemento fundamental para se guardar acontecimentos que reforcem uma determinada identidade associada ao clube.

É importante também perceber que os torcedores não são meros reprodutores da memória histórica do clube que lhes é apresentada, mas também são criadores dela; de forma que mais uma vez afirmamos, indivíduos compõem suas identidades através dos elementos institucionais, ao mesmo tempo que as instituições compõem suas identidades coletivas através das identidades individuais, assim, os hinos e cantos de arquibancadas, utilizados por João Manuel Casquinha Malaia Santos e Alex Lopes Granja (2016), são fontes de história oral para se entender a identidade Corinthiana e a percepção que os torcedores tem de si mesmos.

Para melhor entender esse ponto, os autores abordam um dos principais cantos que a torcida utiliza nas arquibancadas, que é o seguinte canto: “ôh, ôh, ôh, ôh, Corinthiano, maloqueiro, sofredor, graças a deus!”. A ideia do “maloqueiro”, indica o Corinthiano como alguém ligado às camadas mais populares de São Paulo, já que esta é uma gíria utilizada para identificar “marginal que vive ou pernoita em maloca ('esconderijo')⁵”, muitas vezes associado a alguém que faz pequenos roubos. Sendo um time popular e periférico, o Corinthians já foi, e ainda é, por várias vezes associado à criminalidade, pela ideia preconceituosa de que nas regiões mais pobres, a criminalidade é maior. O que vemos aqui, é um grupo se apropriando de palavras e ideias que eram utilizadas como ofensa e formas de inferiorizá-lo, e ressignificando essas palavras e ideias como marcas identitárias, demonstrando orgulho por serem associados à isto, e neste caso em específico, orgulho da identidade que o time proporciona, bem como sua origem e todos os significados que esta origem carrega, pensando nisso, torna-se ainda mais claro como essas questões mais tarde se traduzem em um discurso

⁵ SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; GRANJA, Alex Lopes. “Maloqueiro e sofredor”: memórias, identidades e oralidades de uma torcida de futebol. 2014.

político alinhado as causas da população pobre, trabalhadora e marginalizada, que é o que acontece com a torcida corinthiana.

Yaguello (1978), aponta:

Existe, todavia, como forma de resistência dos oprimidos, a inclinação à apropriação dos termos opressores para tentar revalorizá-los. Assim, um dos instrumentos de luta dos dominados consiste na revalorização dos termos utilizados pelos dominadores, sendo os termos pejorativos revolidos e “transformados em termos militantes positivos. (YAGUELLO, 1978, p. 45)

O canto finaliza dizendo “graças a deus”, mais uma forma de exemplificar como o futebol evoca emoções intensas e se relaciona com a espiritualidade. Antônio Jordão Netto diz:

Ser corinthiano, mais que ter mera simpatia, admiração ou amor por uma agremiação esportiva, passou a significar identificar-se com o “povão”, assumir suas lutas no plano das representações psicossociais, na medida que isto implicava em participar, em sentir-se de algum modo envolvido no processo de integração social e de constituição da sociedade de classes, sociedade essa cujas características começavam a passar, lentamente, de agro-rurais para urbano-industriais, aberta para a formação de novos estratos e propícia à ascensão social (NETTO, 2010).

O autor ainda aponta que a identidade do Corinthians em se identificar com a massa e incluir o proletariado, fez com que o time soubesse crescer e passar a representar até mesmo outras camadas sociais:

E o que não deixa de ser um fato extraordinário, aquela torcida tida como de “massa”, de “proletários”, de “baianos”, de “pés – de chinelo”, de “analfabetos” (conforme expressões desdenhosas e/ou despeitadas dos torcedores não corinthianos) cuja origem foi humilde e simples, passou a penetrar todos os estratos sociais, todos os níveis de instrução, conforme mostrou levantamento feito em dezembro de 1976, em São Paulo, pelo Instituto Gallup, levantamento esse que mostrava o Corinthians como o clube preferido nas classes A, B, C e D (conforme critério do Instituto, baseado em nível de renda e vida dos entrevistados) e também aquele preferido pelos entrevistados de nível de instrução primário, secundário e superior (NETTO,2010).

O estigma do “sofredor”, aparece aliado à ideia de “guerreiro”, que aparece como uma característica do que significa ser corinthiano, de modo que esta palavra aparece na página de identidade do site oficial do clube. O Corinthians seguiu crescendo mesmo nos anos de baixa do time, isto é, quando os resultados em campo não iam bem. Um dos mais famosos episódios da história do clube, foram os 23 anos que o Corinthians passou sem conquistar títulos de grande expressividade, o fim do episódio conhecido como “jejum de 23 anos” foi em 1977, mas ainda assim, a torcida não diminuiu de número nesse período, pelo contrário, ela cresceu, sagrando assim a ideia do torcedor corinthiano como “sofredor” e “guerreiro”, com episódios como a famosa “invasão de 1976”, quando mais de 70 mil torcedores corinthianos foram até o

Maracanã, no Rio de Janeiro, para assistir um jogo da semifinal do campeonato brasileiro daquele ano, isto ainda dentro do período de “jejum.”

Muitos torcedores destacam suas memórias de derrotas, títulos perdidos, fracassos em campo, como suas principais memórias em relação ao clube, João Manuel Casquinha Malaia Santos e Alex Lopes Granja (2016) apontam que essa noção de superação é fundamental para a manutenção da identidade corinthiana, por isso, muitos dos torcedores entrevistados por eles, fazem menções a estas memórias, que por vezes estão carregadas de significado e “ancestralidade”, e que às vezes os torcedores sequer presenciaram estes eventos, mas ouviram os relatos pesarosos de familiares, de forma que o sentimento de dor e superação de outros torcedores, se tornam o sentimento de toda a torcida. Augusto Sarmiento-Pantoja (2019) comenta: “Amar um clube permite que o torcedor, em nome de sua predileção, sofra pelo clube, sem considerar o sofrimento um problema.” Estas atitudes conferiram à torcida corinthiana o título de “fiel”, como é popularmente conhecida até hoje.

Os anos de 2011 e 2012 foram excelentes anos para o clube, que foi campeão brasileiro, sul-americano, e mundial, mas o fator interessante, é que dois anos antes, o clube foi rebaixado para a série B do Campeonato Brasileiro, e a torcida seguiu crescendo mesmo no momento do rebaixamento. O corinthiano seria então, este torcedor apaixonado, que acredita até o fim, e que segue apoiando o clube mesmo nos momentos em que títulos e vitórias não acontecem, o título de torcida fiel, parece fazer justiça à verdadeira fidelidade do torcedor.

Capítulo 6- DEMOCRACIA CORINTHIANA E DITADURA

Um dos principais e mais marcantes momentos da história do Sport Clube Corinthians Paulista e que se tornou objeto de construção e afirmação desta identidade Corinthiana com um forte caráter politizado, foi o episódio da chamada Democracia Corinthiana, mas para entendermos melhor o que foi e o impacto deste acontecimento, precisamos entender um pouco do que estava acontecendo no Brasil naquele momento em que a Democracia Corinthiana aconteceu.

No dia 31 de abril de 1964, o movimento civil-militar derrubou o governo de João Goulart, encerrando a vivência republicana no Brasil, que acontecia desde o fim do Estado Novo em 1945. Em 15 de abril, o general Castello Branco assumiu a liderança da ditadura militar, que viria a durar 21 anos. O governo militar foi marcado pelo autoritarismo, nacionalismo, anticomunista, desenvolvimentista e de repressão e tortura a todos que faziam algum tipo de oposição ao regime, houveram os chamados “Atos Institucionais”, que eram decretos feitos ao longo da ditadura que aumentavam os poderes do governo militar. O contexto da Democracia Corinthiana é o início dos anos 80, começamos a pensar a partir do governo Geisel (1974-1979), que após os conhecidos “anos de chumbo”, isto é, os anos mais repressivos da ditadura dos governos Costa e Silva (1967-1969) e Médici (1969-1974), trazia então a fala de uma preparação para uma “abertura política”, que Geisel afirmava que seria uma abertura “lenta, gradual e segura”, o que na prática significava uma possível volta ao regime democrático, mas deixando os grupos de oposição e movimentos populares excluídos desta “democracia”.

Apesar deste discurso, Daniel Saran Fernandes (2017) elucida como Geisel tendia a utilizar-se de atitudes bem autoritárias em meio as falas sobre abertura política, de acordo com seus interesses

No âmbito político, Geisel vinha adquirindo cada vez mais força dentro do Exército, e menos avançava o processo de transição democrática. Entretanto, essa força maior dentro do Exército não pode ser entendida como vitória da ala “linha-dura”, e sim como poder particular, uma vez que passou a tomar decisões de forma unilateral, sem consultar o alto escalão militar. Isso foi possível uma vez que, quando ocorriam casos de tortura e abusos de poder por parte do Militares, o Presidente tomava decisões no sentido de acalmar os ânimos, afastando responsáveis, e até mesmo Ministros. É realmente importante entender que isso não significava uma aproximação com a corrente de transição, e sim um afastamento da corrente "linha-dura". Essa percepção fica clara quando Geisel não tem medo de recorrer ao AI 5 para o afastamento de deputados do MDB que estavam ultrapassando os limites de oposição considerados aceitáveis pelo governo. Além disso, há uma minirreforma política a fim de evitar surpresas como as ocorridas nas eleições 1974 – um exemplo claro dessa

movimentação foi a decisão de que 1/3 dos Senadores seria escolhido em eleições indiretas, espaço onde a ARENA sempre obtinha vitórias –, quando a oposição aumentou sua voz. (FERNANDES, 2017, p.25)

Daniel Aarão Reis (2000), aponta que uma das grandes características, principalmente no momento inicial do Golpe de 1964, é que o regime tinha ideias gerais e comuns, isto é, o discurso de salvar o país da subversão, do comunismo, da corrupção, do populismo e a promessa de restabelecer a democracia de forma segura. No governo militar, havia aqueles que queriam destruir as tradições nacional-estatistas, que remetiam à João Goulart, e implantar uma alternativa internacional-liberal, esta ideia foi se tornando cada vez mais a base principal e a identidade do governo militar da ditadura de 1964, pode-se dizer que o alinhamento com os Estados Unidos e o capital internacional de forma geral, eram a “cara” do governo de Castelo Branco. O projeto era de estabilizar a economia e as finanças, construir um mercado de capitais no país, aumentar exportações e incentivar investimentos de capital internacional no Brasil, mas a tortura e repressão, características da ditadura, se chocavam com este projeto dito liberal que afirmava buscar o desenvolvimento e a democracia como resultado último.

A década de 80, principalmente seu início, foi marcada por uma série de movimentos populares que mesmo em uma ditadura, buscavam se posicionar e se manifestar contra o regime e em busca da volta da democracia, com plenos direitos e participação política. Mariana Zuaneti Martins e Heloisa Helena Baldy dos Reis (2017) comentam como a partir de 1977/1978, o Brasil é marcado pela retomada dos movimentos grevistas, os movimentos sociais, a reconstrução do pluripartidarismo, uma novidade, já que a ditadura havia estipulado o bipartidarismo, e a consolidação em especial, dos movimentos e partidos sindicais e populares.

É importante entender também que cada vez mais o projeto da ditadura ia se tornando problemático e perdendo a força, os anos de violência armada trouxeram o desgaste das forças armadas, a dívida externa apenas crescia, a crise econômica cresce de forma que em 1978, aconteceu o maior ciclo de greves de operários na região do ABC paulista. Era a crise da chamada “modernização conservadora”⁶, isto é, o fenômeno do crescimento econômico ocorrido no período da ditadura militar, uma modernização que se deu sem fugir dos modelos tradicionais de sociedade pré-industrial, onde os proprietários rurais continuariam no centro do poder político e econômico, já que o sistema seguiu encostado no crescimento do agronegócio, mas para além disso, se refere também à esse projeto de desenvolvimento e industrialização

⁶MOORE JR, B. As origens sociais da ditadura e da democracia: senhores e camponeses na construção do mundo moderno. São Paulo. 1975.

em um governo autoritário, essa incômoda dicotomia entre um governo que se dizia liberal na economia, mas além de conservador nos costumes, repressivo (REIS, 2000).

Mariana Zuaneti Martins e Heloisa Helena Baldy dos Reis (2017) elucidam ainda que a abertura proposta por Geisel, visava institucionalizar no poder as elites participantes do golpe de 1964, de forma que a parcela do próprio governo militar que era a favor de se manter uma atitude mais “linha dura”, defendia que a abertura era perigosa para que eles perdessem o controle do poder, o governo chega a instituir a eleição indireta de um terço do senado, buscando garantir a maioria da ARENA, o partido do governo.

Em 1979, João Figueiredo assume o poder, e apesar de ser “linha dura”, preserva o plano de abertura, já que esta significaria que ainda assim, o governo militar poderia ter um controle sobre o próximo governo a assumir, uma transição que não representasse real mudança, entretanto o fracasso do modelo ditatorial era uma realidade, em 1983, a inflação passava de 200%, e os movimentos populares iam se fortalecendo cada vez mais, as transformações como alto crescimento urbano, principalmente nas metrópoles como São Paulo, e o setor industrial, se desenvolvem, trazendo a explosão da camada proletária. Este é um cenário e um momento ideal para mudança no processo de construção e reafirmação de identidades coletivas. Esse cenário social remete ao cenário do início dos anos 10, isto é, o crescimento urbano acelerado, fortalecimento do setor industrial, e por consequência, o também crescimento e fortalecimento das camadas proletárias e populares e o desejo desta parcela da população em se fazer vista e participante da vida do país, são as mesmas características do momento em que o Sport Clube Corinthians Paulista foi fundado, em 1910.

O desgaste com a repressão e violência da ditadura, apenas aumentava o sentimento do trabalhador urbano em querer um lugar político-social ativo, assim, não é de se estranhar que um movimento de caráter democrático surgisse dentro do Corinthians, mesmo em meio a uma ditadura. É também uma época marcada pelo sucesso do rock nacional, com letras de músicas que traziam manifestos e questionamentos a o que se vivia no país, a rebeldia se torna característica de protesto do período, assim, a Democracia Corinthiana se encontra bem estabelecida neste contexto. Augusto Sarmiento-Pantoja (2019), ao analisar o documentário “Democracia em preto e branco” (2014) de Pedro Asbeg, aponta que momentos como a greve do ABC de 1978, que aparece no filme, coexistem com a Democracia Corinthiana, não à toa. No resumo do artigo, que analisa o documentário, o autor ainda diz:

O filme traça seu argumento na esperança de compreender como o movimento Democracia Corinthiana sai dos campos de futebol e se transforma na ponte política para engrossar a massa de protestos a favor da democracia e pelas eleições diretas para presidente da república no Brasil. Entre as contribuições do filme para o debate entre política e futebol temos o destaque para o lateral esquerdo Wladimir, que seria, na ocasião, o principal fomentador de um projeto sindical entre os jogadores de futebol, que entretanto ficou legado a condição de coadjuvante de Sócrates e Casagrande. (PANTOJA, 2019, p.1)

Em artigo, Ana Cláudia Accorsi, Gabriel Félix Tavares, Mateus Genriques De Souza e Nathália Fernandes Pessanha (2017) comentam:

(...) o fato é que a Democracia Corinthiana embarcava na onda dos anseios pela redemocratização, de um cenário que abria espaço para a afirmação do jogador enquanto sujeito político, assim como os operários faziam nas fábricas do ABC Paulista (ACCORSI, TAVARES, SOUZA, PESSANHA, 2017, p. 35)

No filme documentário “Democracia em preto e branco” (2014) do diretor Pedro Asbeg, o então presidente do Corinthians, Vicente Matheus é mostrado de forma similar aos militares ditadores do governo, além de aparecer em diversos momentos, ao lado dos militares, ele estava envolvido no governo do clube por muitos anos, de forma que a alternância democrática do cargo, é questionada.

Ao falar para o documentário “Democracia em Preto e Branco”, Flávio Prado compara o papel de Vicente Matheus no Corinthians com o papel dos militares na época da ditadura. Segundo ele, Vicente Matheus buscava vender uma imagem de segurança e estabilidade contra qualquer coisa que pudesse afetar negativamente o Corinthians, exatamente como o exército fazia no Brasil. Enquanto no Corinthians esse inimigo poderia ser qualquer um que afetasse o poder do próprio Vicente Matheus, no Brasil o inimigo principal era o Comunismo, que traria desordem, terroristas, entre outras instabilidades. Sendo assim, afastar Vicente Matheus significava abrir espaço para que outros atores pudessem emergir nesse vazio que seria criado.” (FERNANDES, 2017, p.31-32)

A figura de Vicente Matheus é emblemática. Ele era o então presidente do Corinthians, sendo um torcedor do clube, se manteve no governo por muito tempo, se tornando uma figura histórica e até mesmo folclórica dentro da história do Corinthians. Matheus era um clássico conservador do meio paternalista do futebol, e futuramente, enfrentaria problemas e grande oposição do ex- jogador Sócrates, que em seu livro sobre a Democracia Corinthiana, comenta:

Centralizador e paternalista, considerado um símbolo pela maior parte dos torcedores corinthianos, Matheus era um dos mais ferozes inimigos da abertura. Com simplicidade e inteligência, pulso firme e declarações folclóricas atribuídas à sua falta de estudo, em muitas ocasiões ele chegou a tirar dinheiro do próprio bolso para contratar jogadores. Seus adversários nunca ousaram acusá-lo de utilizar o clube para enriquecer ou se promover. Entre muitos elogios, pode-se dizer que ele vivia para o Corinthians (SOCRATES; GOZZI, 2002, p.27)

O jogador comenta ainda que o então presidente em determinado momento chegou a relacionar seu próprio governo no Corinthians como sendo uma ‘ditadura mole’, de forma que no documentário de Pedro Asberg (2014), Matheus é retratado como um ditador, de forma a relacionar o governo do clube, com o governo ditatorial do Brasil no período. Sócrates segue dizendo:

(...) o folclórico presidente do clube entendia pouco de liberdade. Comandava o Corinthians com mão-de-ferro. Certa vez, ao comentar seu estilo de administração, declarou: “O Corinthians é uma ditadura mole!” Quando derrotado politicamente no clube, retornaria à justiça. As renovações de contrato dos atletas transformavam-se em verdadeiras novelas. Autoproclamava-se uma espécie de “defensor dos direitos do Corinthians”. (SOCRATES; GOZZI, 2002, p.27)

Em 1981, o Corinthians vinha de um péssimo desempenho nos campos, até que em abril de 1982, Waldemar Pires é eleito o novo presidente do clube, após anos de presidência de Vicente Matheus. Pires coloca o sociólogo Adilson Monteiro Alves na função de diretor de futebol do clube, este era o início de uma grande mudança. Adilson tinha ideias mais democráticas a respeito da participação dos jogadores no time, já no início de 1982, faz uma reunião onde propõe uma administração participativa, assim, inicia-se no clube um período onde todas as decisões importantes eram tomadas através do voto igualitários entre os membros do time, temas como a eliminação das concentrações pré-jogos, as contratações de novos jogadores, o consumo de bebidas alcoólicas, dentre outros, eram discutidos e as decisões tomadas pelo voto da maioria. A Democracia Corinthiana levou ao debate interno os mais diversos assuntos, Andrew Downie, no livro biográfico de Sócrates diz que “foram discutidas ideias inéditas como o fim da concentração, a diminuição das enormes discrepâncias salariais no elenco e o oferecimento aos jogadores de um percentual da bilheteria” (DOWNIE, 2021)

Washington Olivetto era publicitário, e foi o responsável por criar o nome “Democracia Corinthiana” para designar o que estava acontecendo no clube, e que durou as duas gestões de Waldemar Pires, de 1981 a 1985- ainda que alguns considerem que foi de 1982 a 1984- e contou com o destaque participativo de jogadores como Sócrates, Wladimir, Casagrande e Zenon. Em seu livro de memórias sobre o Corinthians, que ele escreveu de forma a contar suas histórias para um amigo, ele conta:

Atribuem a mim, Ed, esta marca: Democracia Corinthiana. Adoraria que fosse, mas tenho de confessar que não é – eu apenas a captei no ar. Estávamos participando de um debate na PUC, sobre futebol e abertura política, e, de repente, meu amigo Juca Kfourri- corinthiano roxo com quem aprendi as primeiras e definitivas lições de imparcialidade futebolística- falou que o que o Corinthians estava fazendo era experimentar a democracia. “Democracia Corinthiana”, lancei na hora. (OLIVETTO, BEIRÃO, 2006, p. 169).

Em sua tese sobre a Democracia Corinthiana, intitulada “FUTEBOL E POLÍTICA SE DISCUTEM: O CASO DA DEMOCRACIA CORINTHIANA”, Daniel Saran Fernandes (2017), entende a importância de iniciar pensando as ideias de democracia em si, e afirma:

Impossível começar um trabalho sobre a Democracia Corinthiana sem tentar compreender o que é democracia. Para tal recorre-se ao Dicionário de Política de Norberto Bobbio para entender essa percepção, não por achar que tal livro contenha a resposta sobre essa pergunta que tanto assola a sociedade atual – o que é e como funciona a democracia? –, mas por perceber que o caso da Democracia Corinthiana não se propõe a aplicar modelos democráticos mais complexos, e sim a democracia em seu senso-comum: a participação através do voto. Com isso, a título de utilização no presente trabalho, traz-se a percepção de Bobbio do que ele caracteriza como “Tradição Republicana Moderna” (BOBBIO, p.322), onde a democracia é compreendida como uma forma de gestão participativa – aqui se usa gestão, e não governo, a fim de entender que democracia não é somente uma forma de gerir um Estado, e sim uma forma de gerir quaisquer organizações e/ou instituições sociais – que se opõe a formas autoritárias de gestão. (FERNANDES, 2017, p.17)

É significativo pensar que de alguma forma, havia uma experiência democrática, que inclusive utilizava deste nome, acontecendo dentro de uma ditadura militar. No filme documentário “Democracia em preto e branco” (2014) do diretor Pedro Asbeg, o ex-jogador Casagrande chega a comentar que o fato de participar de um clube onde ele, como jogador, era perguntado sobre as decisões, fez ele se sentir um cidadão. Washington, em seu livro, ainda aponta:

O que aconteceu no Corinthians, Ed, foi o estopim de um processo de redemocratização no país. Enquanto liberdade era um grito dado em salões acadêmicos, os militares não se tocavam. Mas imagina aquela galera toda aplaudindo um time de massa que entra em campo com “Democracia” estampado na camisa” (OLIVETTO, BEIRÃO, 2006, p. 170).

Tudo isso mostra a importância de estudarmos o futebol e sua influência na sociedade, o esporte, bem como qualquer outro campo cultural, a exemplo da música, o teatro e o cinema, são espaços de representações e encontros de tensões, são também ambientes capazes de se comunicar com a massa populacional, o que muitas vezes é uma grande dificuldade para o ambiente acadêmico. É inevitável que a política se misture com o futebol de alguma forma, seja através de discursos posicionados, ou pelo silêncio, que também é um tipo de discurso; mesmo porque, sabemos que política não significa apenas exercer o voto em época de eleições, mas sim, tudo que envolve a vivência humana e sua interação quanto sociedade. A experiência Corinthiana mostra como estes ambientes se encontram de uma forma muito mais profunda do que costumeiramente se percebe, de forma que as identidades e expressões pessoais e coletivas não apenas utilizam-se de todo o universo do futebol como são formadas por este.

Podemos observar essa ação de uma gestão prática democrática acontecendo no Corinthians através de diversos aspectos do novo funcionamento interno que a Democracia Corinthiana proporcionava:

Outro aspecto de destaque no decorrer da Democracia Corinthiana, e na tentativa de expansão da mesma, foi a decisão tomada pelos jogadores, em votação, de se dividir o bicho de campeonatos que fossem vencidos entre os funcionários do clube, não só entre os jogadores. O bicho é um montante de dinheiro advindo de premiações por conquistas de títulos, ou mesmo boas colocações nos campeonatos, que tradicionalmente é distribuído entre os jogadores que atuaram no campeonato, como forma de incentivar bons resultados. A partir dessa decisão, massagistas, roupeiros, funcionários da limpeza, entre outros, costumeiramente com uma condição social bem mais humilde que a dos jogadores, passaram a receber parte dessa verba, uma vez que na percepção do movimento também influenciavam no futebol jogado. (FERNANDES, 2017, p.38)

Mariana Zuaneti Martins e Heloisa Helena Baldy dos Reis (2017), comentam que a Democracia Corinthiana não poderia ser considerada como um “movimento social” em si, já que não há nela uma “ação política contenciosa” e nem uma “rede de solidariedade que extrapole o elenco”, o que é um fato, ainda que nesta pesquisa entendemos que a mensagem e a representatividade da Democracia Corinthiana tenha saído dos limites do campo e do elenco de jogadores, influenciando a participação política da torcida, o que ainda veremos com mais detalhes. As autoras, entretanto, lançam uma relação entre a elevação dos movimentos sindicais e a Democracia Corinthiana, já que esta, se relacionou diretamente com o Novo Sindicalismo e suas manifestações; além do grande envolvimento dos jogadores na gestão do sindicato dos atletas profissionais do estado de São Paulo.

Em artigo sobre o tema, Mariana Zuaneti Martins e Heloisa Helena Baldy dos Reis (2014), buscam entender como a Democracia Corinthiana influenciou na participação dos jogadores em movimentos políticos em geral e no sindicato dos atletas, já que o fato de conseguirem mais direitos e participação dentro do clube, despertou nos jogadores o desejo de levar essas lutas para o campo geral de sua profissão. Os destaques vão para: o jogador Wladimir, um dos principais nomes de liderança da Democracia Corinthiana, e que participou ativamente do sindicato dos atletas desde 1978, chegando à presidência em 1984, Juninho e Casagrande foram líderes sindicais no período da Democracia Corinthiana, os três citados, eram filiados ao Partido dos Trabalhadores na época, um partido criado por trabalhadores operários de São Paulo, além de Sócrates, que talvez seja um dos maiores símbolos da união entre futebol e política no clube, e que será analisado mais adiante.

Capítulo 7- FIGURAS DESTAQUES

7.1 ADILSON MONTEIRO

Adilson Monteiro Alves foi levado por Waldemar Pires, para se tornar diretor de futebol no Corinthians em 1981, apesar da pouca experiência com o futebol em si, ele era um intelectual. Sociólogo, foi uma figura fundamental para a formação e o funcionamento da Democracia Corinthiana, mais do que por trazer noções políticas para o clube e o elenco, ele que também possuía uma fábrica de biscoitos; deu aos jogadores a possibilidade de se expressarem e opinarem sobre o que poderia melhor na gestão e relação do clube e do elenco em geral, sendo esta, a característica que mais marcou o que começava a acontecer no Corinthians, um cenário de participação, uma democracia.

A disposição de Adilson para considerar ideias tão radicais foi apenas uma das razões para que os jogadores o aceitassem rapidamente. Ele ainda estava na casa dos trinta anos de idade, pouco mais velho do que os jogadores que lideraria, era aberto, ambicioso e sensato. Havia sido um estudante ativista, tinha um senso de humor mordaz e o fato de usar barba era um sinal inquestionável de liberalismo num país em que o adereço ainda era exclusivamente de roqueiros, hippies e comunistas. Em sua apresentação aos jogadores, ele disse: “Eu conheço biscoitos e sociologia, mas não futebol. Então me digam o que estamos fazendo de errado”. Foi música para os ouvidos de Sócrates, que imediatamente respondeu: “Nós temos uma solução, vamos começar a exercer.” (DOWNIE, 2021, p. 167)

7.2 SÓCRATES

Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira, também conhecido como “Doutor Sócrates” ou “Magrão”, foi uma das figuras mais marcantes não apenas da história do Corinthians, mas do futebol mundial. Formado em medicina, logo recebeu o apelido de Doutor como um trocadilho, primeiro por ser um médico que abandonou a medicina pois preferiu seguir a paixão de ser jogador de futebol, e também como uma referência à sua inteligência e genialidade no futebol, era um doutor porque tinha muito a ensinar.

Nascido e criado em Ribeirão Preto, o jogador chega até o Corinthians se destacando em campo. Sócrates possuía uma personalidade profundamente independente e questionadora, sendo uma figura contraditória no meio do futebol, pois era desejado pelos clubes devido os resultados que apresentava em campo, ao mesmo tempo que muitos o consideravam um problema, por questionar demais e por sempre querer agir com muita liberdade e desafiando as normas paternalistas do esporte.

O primeiro – não por importância, mas por reconhecimento externo e midiático – é Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira, talvez um ponto fora da curva, com um nome que trazia filosofia e nacionalismo na sua construção enquanto indivíduo. Um jogador considerado craque, que trazia uma bagagem incomum quando comparado com seus pares. Formado em Medicina pela Universidade de São Paulo – Campus Ribeirão Preto (USP), optou pela carreira de futebolista, mas sem abandonar a curiosidade e questionamento que são – ou deveriam ser – parte de cientistas, não importando a área. (FERNANDES, 2017, p.34)

Sócrates pode ser considerado a “alma” do time corinthiano da Democracia, ele foi o responsável pelas principais articulações das ideias democráticas, fosse alinhando a genialidade de Wladimir com a rebeldia de Casagrande, Sócrates era um líder nato, além de ser uma figura profundamente politizada e midiática, sabem como aliar estas duas características em prol de que as noções de liberdade alcançassem a maior quantidade de pessoas. Sócrates queria levar ideais de liberdade para seus colegas jogadores, mas queria também utilizar de sua posição para ser um representante do povo.

Seu ativismo coincidiu com um crescente clamor por mudanças em todos os setores da sociedade brasileira. Os bons tempos tinham acabado, com a economia encolhendo pela primeira vez em mais de trinta anos e a inflação anual saltando para 100%. Os ditadores pareciam cada vez mais anacrônicos e, quanto mais se agarravam ao poder, mais insatisfação geravam. Em 1982, o governo imprimiu mais dinheiro do que jamais tinha feito e baniou a importação de muitos produtos estrangeiros, numa tentativa de proteger a indústria local. Os aluguéis dobraram, os preços de alimentos dispararam e o racionamento de petróleo novamente voltou para as primeiras páginas. A voz de Sócrates foi uma das mais ouvidas. Pela primeira vez na história do Brasil, um esportista tinha um megafone e os torcedores estavam prestando atenção. (DOWNIE, 2021, p. 223)

Uma de suas principais marcas e ações altamente politizadas de Sócrates, o grande representante deste movimento, era de que ele costumava comemorar seus gols erguendo o punho, um sinal que expressa, resistência, força coletiva, e que além disso, se tornou um famoso símbolo antifascista - originalmente ligado e popularizado como símbolo da luta antiracista, pelos Panteras Negras -, sendo muito utilizado entre os setores de resistência de esquerdas.

Figura 1- Sócrates levantando o punho em comemoração



Fonte: Página 'Iconografia da História' no facebook⁷

Sócrates morreu em 4 de dezembro de 2011, e há uma lenda de que em seus últimos dias, lutando contra complicações médicas no hospital, o ex-jogador e ídolo corinthiano havia dito “Eu quero morrer num domingo, num dia em que o Corinthians ganhe um título”, em uma das belas ironias históricas, foi exatamente isso que aconteceu, e o clube ganhou o pentacampeonato brasileiro neste 4 de dezembro de 2011. Ao receberem a notícia da morte, os jogadores que estavam em campo, prestaram uma homenagem com um minuto de silêncio e o punho esquerdo erguido.

Figura 2: Jogadores do Corinthians homenageiam Sócrates no dia de sua morte e pentacampeonato do clube.



Fonte: Terra/ esportes⁸

⁷ Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/240720553043960/photos/doutor-s%C3%B3crates-ap%C3%B3s-marca%C3%A7%C3%A3o-de-um-gol-comemora-o-feito-com-os-bra%C3%A7o-levantados/415273308922016/>

⁸ Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/corinthians/dez-anos-depois-de-adeus-a-socrates-ex-corinthiano-lembra-homenagem-no-dia-do-penta-e-clube-reverencia-idolo,64e584a67a1b062d87e7a52844ee0edcsaaqf82c.html>

7.3 WLADIMIR

Wladimir Rodrigues dos Santos, começou sua carreira ainda nas categorias de base do Corinthians. Sempre se mostrou extremamente politizado, de forma que estava envolvido com o sindicato dos jogadores de futebol em diversos momentos, Wladimir possuía uma consciência de que como jogador, ele também era um trabalhador, e parecia apresentar certa consciência de classe trabalhadora.

A narrativa da participação dos jogadores da Democracia Corinthiana no Sindicato dos Atletas do Estado de São Paulo (SAPESP) deve ser tecida a partir da participação de Wladimir, que fez parte do Sindicato dos atletas, a partir de 1978, durante a gestão do jogador Palhinha¹². Na gestão seguinte, em 1980, com a entrada de Valdir Peres como presidente, Wladimir foi tesoureiro e, por fim, em 1984, elegeram-se presidente. (...) além do próprio Wladimir, eram filiados ao Partido dos Trabalhadores, demarcando uma atuação política para além do clube alvinegro. (REIS, MARTINS, 2014, p. 1359)

Todas essas características fizeram com que o jogador, que até os dias atuais é o jogador com maior números de jogos pelo Corinthians (806 jogos); imediatamente se aproximasse e fizesse grande amizade com Sócrates. Wladimir também era muito engajado na luta black power no Brasil, se Sócrates era a “alma” do movimento democrático corinthiano, Wladimir era o cérebro, de forma que as primeiras ideias que levariam à Democracia Corinthiana em si, parecem ter surgido através de conversas entre Wladimir e Sócrates sobre política, com grande participação do jogador sindicalista, já acostumado a uma vivência política e a enxergar a profissão para além dos campos, mas com uma grande função social, e os jogadores como cidadãos.

O segundo é Wladimir Rodrigues dos Santos. Jogador negro, também trazia uma experiência incomum para a profissão, uma vez que atuava no movimento sindicalista na região do ABC Paulista (...) altamente politizado, era um cidadão que já tinha um contato com estruturas participativas em outros ambientes de trabalho. Para José Paulo Florenzano – em fala no documentário “Democracia em Preto e Branco” –, Wladimir é fundamental no processo tanto da democracia corinthiana, quanto na própria construção de Sócrates enquanto indivíduo pensante e questionador. (FERNANDES, 2017, p.34)

7.4 CASAGRANDE

Walter Casagrande Júnior, mais conhecido apenas como Casagrande, também começou sua carreira nas categorias de base do Corinthians, mas seus excelentes resultados em campo fazem com que ele fosse levado ao time principal quando ainda era muito jovem. A rebeldia e

personalidade independente dele, refletia o impulso de um torcedor corinthiano jovem que a Democracia Corinthiana precisava para se estabelecer ainda mais.

Nascido e criado na Penha, bairro de classe trabalhadora próximo ao Parque São Jorge, Casagrande sempre torceu para o Corinthians. Havia sido expulso da escola e levou a fama de jovem causador de problemas para o futebol. fez seu nome ao marcar quatro dos seis gols do Corinthians na Copa São Paulo de Futebol Júnior em 1980, mas os técnicos nunca apostaram totalmente na chegada do adolescente explosivo ao time principal. (DOWNIE, 2021, p. 227)

O jogador não apenas entregava bons resultados no futebol, mas era a representação de uma juventude questionadora e irreverente, demonstrando isso até mesmo pelo fato de ser um grande apaixonado pelo gênero musical rock, um estilo não muito comum entre os jogadores mais velhos, mas que vinha crescendo em meio a juventude e tinha uma grande marca em representar a rebeldia e inadequação.

Por fim, Walter Casagrande Junior trazia para o grupo a percepção de um jovem, questionador por natureza e rebelde por estilo – o rock. Em um momento em que a juventude era tão reprimida por suas formas de expressão, Casagrande era visto como vagabundo e indisciplinado. (FERNANDES, 2017, p.35)

Logo se juntou às figuras de Wladimir e Sócrates, formando o famoso trio da Democracia Corinthiana. Os três construíram uma amizade especialmente profunda, de forma que Casagrande, sendo o mais jovem, era uma espécie de “irmão mais novo” dos outros dois, e se Sócrates era a “alma”, e Wladimir o “cérebro” do movimento, Casagrande era o “coração”, repleto de paixão e fôlego juvenil, era também profundamente politizado e levada isso de forma a ser expressado em campo.

Naquela mesma noite, no gramado do Pacaembu, o Corinthians venceu o Juventus por 2 a 0. Os gols foram marcados por Zenon, aos 5, e Casagrande, aos 9 do segundo tempo. Em protesto contra o golpe, após marcarem seus gols, Zenon e Casagrande não comemoraram, apenas saíram andando, como se nada tivesse acontecido. Foi a forma que o time encontrou de protestar contra as manobras antidemocráticas de Matheus e sua trupe. (SOCRATES; GOZZI, 2002, p.95)

Daniel Saran Fernandes completa que estes três principais nomes, que tiveram um maior alcance midiático de suas atuações, são representações perfeitas dos principais grupos que se levantaram em resistência à ditadura militar

Nesses três destaques feitos, percebemos grupos igualmente importantes na sociedade brasileira naquela época: o intelectual, o sindicalista e o jovem. Três esferas sociais marcadas pelo questionamento e combate ao que está posto. Exatamente os grupos que começaram a se unir no final do governo Geisel, dando força um à manifestação do outro, estavam representados – e eram representantes – no grupo de jogadores que compunham o Corinthians. (FERNANDES, 2017, p.35)

Andrew Downie define que para além das figuras destaques, o time inteiro pareceu combinar, como se a Democracia Corinthiana tivesse acontecido no lugar certo (o Corinthians), na hora certa (em meio à ditadura no Brasil), pelas mãos das pessoas certas (todo o elenco corinthiano).

O time de personagens fortes, cada um assumindo sua personalidade distinta, era uma dádiva para a mídia. Sócrates era o pensador, que de forma descontraída imitou a pose da escultura de Rodin para a capa da Placar. Biro- Biro era o atleta mais reconhecível no campo, com suas meias abaixadas e uma juba loira que não tinha concorrente até o surgimento de Valderrama. Zenon mantinha o visual à la Beatles, o bigode preto e jogava com a camisa para fora do calção -algo raro na época-, enquanto Casagrande era o rebelde, com os óculos escuros, tênis brancos e opiniões sobre tudo. Os veteranos Wladimir, com seu compromisso duradouro tanto com o clube quanto com o movimento black power brasileiro, e Zé Maria, o cavalo incansável, eram os arquétipos do corinthiano, e, por isso, imensamente populares. (DOWNIE, 2021, p. 231-232)

Essa representatividade e a forma como estes grupos se misturaram, se apoiaram e se manifestaram juntos em prol da democracia, é mostrado no documentário “Democracia em Preto e Branco” de Pedro Asbeg (2014), de forma a reafirmar a narrativa que o filme busca contar, de que a democracia corinthiana não foi uma coincidência no Corinthians e nem no futebol, muito menos resultado apenas das questões internas do clube, mas foi também um reflexo daquela sociedade que vivia um governo ditatorial e cada vez mais partia em busca da democracia.

Não se pode deixar de citar Leão, o jogador que chega ao time quando a Democracia Corinthiana já estava em funcionamento, mas não compartilhava dos mesmos ideais dos jogadores favoráveis ao movimento. Ainda que ele tenha sido foco de discussões e incompatibilidades decisivas para o futuro fim da Democracia Corinthiana, e sendo esta figura emblemática, ele possa ser fruto de futuras análises mais precisas sobre seu impacto no clube, é importante apontarmos que uma figura de oposição é essencial para que haja democracia, em especial, mediante a um governo ditatorial autoritário e totalitarista. A mensagem que a Democracia Corinthiana transmitia, era de reafirmação à democracia em todo momento.

O interessante é que com a Democracia Corinthiana, o resultado do time em campo também melhorou, de forma que o Corinthians conquistou dois campeonatos paulistas, de 1982 e 1983, em uma época onde os títulos de campeonatos estaduais eram os mais valorizados, indo contra as expectativas de muitos, inclusive da imprensa, como vemos no filme documentário “Democracia em preto e branco” (ASBEG, 2014), onde os comentários eram sempre relacionados à Democracia Corinthiana ser uma bagunça libertina, que não renderia resultados.

As transformações no âmbito político-social do Brasil não paravam, até que 18 anos após o início da ditadura, aconteceriam eleições, no dia 15 de novembro, para os governos estaduais. Os jogadores do Corinthians, entraram em campo nas cinco partidas que antecederam o dia da votação, com uma camisa escrita “dia 15 vote” nas costas, mais tarde a censura chegou a proibir a camisa, mas a mensagem já havia sido comunicada. No livro “Democracia Corinthiana: a utopia em jogo”, o ex- jogador Sócrates comenta que este episódio da camisa, desagradou o governo militar.

Segundo Pires, a campanha cívico-social pelo voto causou constrangimento e preocupação na cúpula militar que governava o país. “O brigadeiro Jerônimo Bastos, presidente do Conselho Nacional de Desportos (CND) na época, me chamou no Rio de Janeiro e disse: ‘você não podem utilizar esse espaço para fins políticos’. Ele pediu que tirássemos a mensagem e nós o fizemos. Mas logo em seguida conseguimos começar a vender aquele espaço. As empresas compravam apenas por alguns jogos. Como o Corinthians começou a ir bem nos campeonatos e a se classificar para muitas finais, era um ótimo negócio para os patrocinadores. (SOCRATES; GOZZI, 2002, p.77)

A camisa era mais do que uma forma de manifestação ou de expressão, mas também uma forma de se comunicar com a população e a torcida corinthiana, trazendo um processo educativo. Para uma população que desconfiava destas eleições e que já havia perdido o costume de votar e participar das decisões do governo, aquela era uma propaganda importantíssima e um grande incentivo, partindo de um dos maiores clubes de futebol do Brasil, o Corinthians parecia, literalmente, vestir a camisa em prol da democracia.

Figura 3: Jogadores da Democracia Corinthiana usando camisa “Dia 15 vote”



Fonte: Ludopédio⁹

⁹ Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/ganhar-ou-perder-mas-sempr-com-democracia-a-torcida-corinthiana-e-o-processo-de-redemocratizacao-da-sociedade-brasileira/>

Outro episódio importante, foi em 1983, no jogo de final do campeonato paulista, o time do Corinthians entrava em campo segurando uma grande faixa, que carregava a frase “ganhar ou perder, mas sempre com democracia”. O Corinthians mais uma vez trazia a democracia para o discurso, em meio a uma ditadura, e indiretamente, já trazia a ideia da relação que o futebol tem com a democracia através do balanço e equilíbrio de tensões e poderes.

Figura 4: Jogadores da Democracia Corinthiana com a faixa “Ganhar ou perder, mas sempre com democracia”



Fonte: Ludopédio.¹⁰

A mídia da época não podia ignorar a Democracia Corinthiana e seus efeitos, como observamos, por exemplo, em duas matérias sobre a Democracia Corinthiana, presentes no jornal Folha de São Paulo, sendo uma de 01 de abril de 1983¹¹, onde o jornal comenta que a democracia acontecia em campo; e a outra matéria de 23 de maio de 1984¹², já nos momentos finais da Democracia Corinthiana, e onde o jornal aponta que mesmo que abalada, ainda havia aqueles que lutavam e acreditavam na importância e representatividade da mesma. No âmbito da mídia esportiva especializada, podemos citar a matéria da edição Nº709 da revista Placar, de 23 de dezembro de 1983¹³, intitulada “O BI DA DEMOCRACIA”, que apresenta o bicampeonato paulista que o Corinthians havia ganhado naquele ano com o time da Democracia Corinthiana e mostra a importância desta para as vitórias do clube, e chega a

¹⁰ Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquivancada/ganhar-ou-perder-mas-sempre-com-democracia-a-torcida-corinthiana-e-o-processo-de-redemocratizacao-da-sociedade-brasileira/>

¹¹ FOLHA DE SÃO PAULO. **Democracia em campo**, São Paulo, 01 abr. 1983.

¹² FOLHA DE SÃO PAULO. **A democracia corinthiana sobrevive**, São Paulo, 23 mai. 1984.

¹³ PLACAR. **O BI DA DEMOCRACIA**, São Paulo, 23 dez. 1983.

comentar “Um grupo de jogadores realmente original e alguns dirigentes que acreditam no que fazem levam o Corinthians ao bicampeonato paulista, certos de que, se a democracia não ganha jogo, é muito melhor perder com ela.” (PLACAR, 1983).

A participação dos jogadores da Democracia Corinthiana, nas pautas e manifestações sociais do período, chama a atenção em como esta se tornou um evento de grande influência e representatividade para fora dos campos também, nomes como Sócrates, Wladimir, Casagrande, Zenon, Juninho e Ataliba, estavam costumeiramente presente em manifestações, como podemos observar no envolvimento deles com o famoso movimento que ficou conhecido como “Diretas Já!”, movimento este que lutava pelo voto direto para presidente nas eleições de 1985, através da ementa Dante de Oliveira. Em 1983, acontece a primeira grande manifestação das “Diretas Já!”, exatamente na Praça Charles Miller, em frente ao estádio do Pacaembu, que até o Corinthians vir a construir a Neo Química Arena em 2014, era considerado informalmente pela torcida corinthiana como o estádio do Corinthians.

Figura 5: Da esquerda para a direita: Devanir Ribeiro, Adilson Monteiro Alves, Oswaldo Maciel, Wladimir, Sócrates, Osmar Santos, Casagrande, Juninho Fonseca e Rogê Ferreira.



Fonte: Uol.¹⁴

Ana Cláudia Accorsi, Gabriel Félix Tavares, Mateus Genriques De Souza e Nathália Fernandes Pessanha (2017) comentam

(...) nossa chave foi encarar a Democracia Corinthiana como um desses núcleos de determinação autônoma que compuseram a cena das Diretas Já! Ainda que, como demonstrado acima, não constituíssem a identidade coletiva própria das Diretas Já, é inegável que formaram parte da rede de interpenetrações formada a partir da grande

¹⁴ Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/milton-neves/2022/04/15/casagrande-59-anos-um-vencedor-na-vida-e-na-bola-queiram-ou-nao.htm>

formulação dessa ação coletiva. (ACCORSI, TAVARES, SOUZA, PESSANHA, 2017, p.37)

O envolvimento foi tão grande, que em um dos últimos comícios pelas “Diretas Já!”, o jogador Sócrates, que estava no auge de sua carreira, tanto no Corinthians como na seleção brasileira, e havia recebido uma proposta para ir jogar em um time italiano, chega a discursar prometendo que se a ementa Dante de Oliveira fosse aprovada pelo congresso, ele não iria embora do país, coisa que não se concretizou, já que apesar de toda a movimentação nas ruas, das manifestações e pedidos populares, a ementa não foi aprovada, chocando a massa da população, e deixando o jogador desapontado, que acaba indo jogar na Itália.

Cabe ressaltar também que, mesmo não tendo atingido o seu objetivo primário, o movimento das Diretas Já demonstrou toda força da população unida, e acabou por, junto com outros fatores, obrigar o processo de abertura democrática. Mesmo que com o voto indireto, Tancredo Neves foi o primeiro presidente civil desde 1964, pelo PMDB, partido da oposição, derrotando Paulo Maluf, candidato do PSD, o partido da ditadura. (FERNANDES, 2017, p.46)

A ida de Sócrates para a Itália, o enfraquecimento de toda a ideologia da Democracia Corinthiana, bem como o cenário político nacional, fez com que ela chegasse ao fim oficialmente em 1985 com a saída de Wladimir Pires da presidência do clube, dando lugar à Roberto Pasqua, que era o candidato da ala conservadora do Corinthians e que era contra a continuidade da Democracia Corinthiana. Sócrates conta que apesar do governo do clube ter mudado e se voltado para a ala conservadora novamente, isso não foi bem aceito pela torcida.

Apesar de os conservadores estarem satisfeitos com o fim formal da Democracia Corinthiana, os torcedores não compartilhavam aquele sentimento. A polícia foi obrigada a proteger a porta do ginásio do Corinthians. Ao mesmo tempo em que aplaudiam Adílson Monteiro Alves e seus correligionários, os torcedores aproveitavam para xingar os conselheiros que haviam votado em Pasqua. O então presidente eleito foi obrigado a sair pela porta dos fundos do ginásio escoltado por uma viatura do Garra, o Grupo Armado de Repressão a Roubos e Assaltos da Polícia Civil de São Paulo. (SOCRATES; GOZZI, 2002, p.150)

Para Sócrates, o maior significado e legado da Democracia Corinthiana, foi ter sido, antes de mais nada, uma representação da torcida, ainda que tenha sido difícil deixar os ideais de liberdade e democracia enraizados, muito porque o futebol brasileiro funciona através de instituições e lógicas conservadoras, o futebol é também, expressão popular, assim, o movimento era, para o jogador, uma forma de expressão da torcida corinthiana.

Tudo aquilo que discutíamos durante a Democracia Corinthiana pertencia à torcida. Era dela. Era o futuro do nosso país. (...) É preciso levar em conta que se eu estivesse em um outro time que não tivesse tanta identificação popular como o Corinthians, mesmo que fosse um clube tradicional, não haveria a mesma repercussão para o movimento. (SOCRATES; GOZZI, 2002, p.37)

Capítulo 8- A TORCIDA

Quanto às participações da torcida e das organizadas, não poderíamos deixar de mencionar a maior torcida organizada do Corinthians, cuja imagem e memória se tornaram parte intrínseca da história do próprio clube, a Gaviões da Fiel. A agremiação começa a se formar em 1950, com jovens torcedores que queriam questionar e participar da vida política do clube, mas é em 1 de julho de 1969 que oficialmente se funda a torcida organizada.

A Gaviões nasce em um momento onde Wadih Helu era dirigente do Corinthians desde 1961, a agremiação tinha como principal objetivo lutar para que ele saísse do poder, afirmavam que o então presidente do Corinthians dificultou a criação da Gaviões, e ele é até mesmo comparado com um ditador; assim, a maior torcida organizada do Corinthians e uma grande representante a identidade do clube, nasce em meio à ditadura militar no Brasil, mas já se organizava antes mesmo com o objetivo de combater o que era entendido como um ditador dentro do clube, na página oficial do coletivo no facebook, é dito: “O Corinthians estava sob a administração de Wadih Helu, que durante anos tentou impedir a criação dos Gaviões através de represálias e atos característicos do tempo da ditadura.”

Em consonância com o time, a torcida passou a se manifestar também. O Grêmio Gaviões da Fiel Torcida, maior torcida organizada do Corinthians, que em 1979 já havia estendido uma faixa pedindo a “Anistia ampla, geral e irrestrita”, entrou junto com torcidas de outros times de cabeça na campanha das Diretas Já, estendendo dessa vez uma faixa com os dizeres: “PRESIDENTE QUEM ESCOLHE É A GENTE” (FERNANDES, 2017, p.45)

Quanto a escolha do Gavião como símbolo da agremiação, e que se tornou um símbolo da torcida em geral e até mesmo do clube em si, eles explicam:

O Gavião foi escolhido como a ave-símbolo da torcida, por suas características marcantes: voa mais alto, enxerga mais longe, não erra a presa, não possui um predador natural etc.) e por influência da história de uma tribo indígena que na época estava em muita evidência. A tribo Gaviões vivia no Pará e no final da década de 60, muitos grileiros e posseiros, prevendo a valorização das terras da tribo, com a construção da Rodovia PA 70, passaram a invadi-las. Os índios gaviões reagiram tão violentamente que um trecho ao longo da PA-70 teve que ser interditado pelo Exército, pela FUNAI, Governo do Pará e Polícia Federal até que os gaviões aceitassem sair das terras em volta da Rodovia.¹⁵

Esta explicação revela aspectos importantes sobre a simbologia e identidade da torcida em geral e assumida pelo clube, a escolha do Gavião como uma referência e homenagem a um grupo indígena e a exaltação destes por suas formas de manifestação e resistência, revelam o caráter politizado da torcida, que além de desejar participar da vida pública do clube, como

¹⁵ Acesso em: <https://m.facebook.com/gavioesoficial/photos/a.132879920122295/1266101193466823/>

cidadãos vivendo a democracia em sua nação, há a preocupação e a identificação com grupos minoritários e suas lutas de resistência. A existência da Gaviões da Fiel evidencia o que viemos defendendo ao longo desta pesquisa, a torcida não apenas representa a identidade Corinthiana, ela é parte formadora dela.

Em 1979, o Comitê Brasileiro pela Anistia (CBA) de São Paulo se junta com a Gaviões da Fiel, que abriu uma faixa com os dizeres “Anistia ampla, geral e irrestrita”, em um jogo entre Corinthians e Santos. A anistia, seria o “perdão de dívidas”, concedido por um governo, o que resultou na lei de anistia ao final da ditadura, propôs o perdão político àqueles perseguidos e/ou exilados no período entre 2 de setembro de 1961 a 15 de agosto de 1979. Ainda que a anistia seja um tema de grande debate, é inegável a importância da luta pela anistia principalmente para todos aqueles que eram considerados criminosos simplesmente por discordar do governo militar, então é importante se entender esta face da anistia e dos grupos que lutaram por ela, a Gaviões da Fiel lutava contra a ditadura, assim, se manifestar pela anistia, especialmente naquele momento, no meio da ditadura, era uma grande forma de manifesto e resistência.

Figura 6: Gaviões da Fiel levantando a faixa “anistia ampla, geral e irrestrita” em 1979



Em fevereiro de 1979, os atos pela anistia já tinham chegado aos campos de futebol: num jogo contra o Santos, torcedores do Corinthians abrem uma faixa pedindo anistia ampla, geral e irrestrita.

Fonte: Página ‘Grêmio Gaviões da Fiel Torcida’ no facebook¹⁶

¹⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/gavioesoficial/photos/gavi%C3%B5es-da-fiel-e-anistia-faixa-estendida-na-arquibancada-em-pela-ditadura-milit/651378838272398/>

Na página oficial da Gaviões da Fiel, ainda é relatado que:

A atitude destes jovens começou a incomodar cada vez mais, principalmente quando os Gaviões da Fiel se manifestaram publicamente contra a ditadura militar, abrindo uma faixa em uma partida no Morumbi pedindo “anistia ampla, geral e irrestrita”. Tal atitude levou o então presidente dos Gaviões da Fiel à cadeia, pois foi a primeira entidade a se manifestar publicamente contra o regime militar.¹⁷

O que evidencia a participação ativa do coletivo em uma luta e resistência contra a ditadura, de forma que foram até mesmo punidos pelo regime militar por causa de suas manifestações e opiniões.

Ainda sobre o contexto da anistia, Isabela Lisboa Berté (2016) diz:

Em 1974, quando o general Ernesto Geisel chega ao poder propõe uma distensão lenta e gradual do regime, o que foi encarado como um momento propício, por algumas mulheres, para começar uma campanha em favor da anistia. O Movimento Feminino pela Anistia (MFPA), criado em 1975, se baseia na tradição brasileira de anistias e têm na volta dos exilados a sua principal bandeira, de modo a unir novamente a “família brasileira”. No exterior, a luta pela anistia funcionou como uma bandeira agregadora dos exilados, que a viram como um meio de lutar contra a ditadura, pelo reestabelecimento da democracia e como uma forma de denunciar as violações dos direitos humanos realizadas pelo Estado brasileiro. (BERTÉ, 2016)

E as manifestações da Gaviões da Fiel não terminam por aí, Ana Cláudia Accorsi, Gabriel Félix Tavares, Mateus Genriques De Souza e Nathália Fernandes Pessanha (2017) comentam:

Face a tudo isso, a Gaviões da Fiel, torcida organizada do Corinthians, revivendo os momentos de Democracia Corinthiana, organizou manifestações nos estádios. Elas se deram através de cânticos, cartazes e faixas nos jogos do Corinthians no estádio de Itaquera. Foram, mais uma vez, manifestações políticas, pois não só atacavam a CBF e seus líderes como também falavam sobre, por exemplo, a citada máfia das merendas. Após esses protestos, a polícia se mostrou claramente contra a torcida, chegando a invadir sua sede, ainda no mesmo mês do encontro. Segundo reportagem da página Uol25, nesta invasão, os policiais realizaram vinte e cinco prisões de torcedores acusados de se envolver em brigas nas torcidas em jogos pela taça Libertadores da América daquele ano. Apesar das prisões e dos envolvimento da torcida em episódios de violência no futebol recente, é importante perceber a torcida do Corinthians, sobretudo a organizada Gaviões da Fiel, como uma torcida com um histórico engajamento político. Mais de trinta anos depois, a Democracia Corinthiana novamente mostra sua força de movimentação e sua importância, deixando mais uma vez a lição de que lutar pela democracia é possível em todos os espaços e é dever de todos. (ACCORSI, TAVARES, SOUZA, PESSANHA, 2017, p. 42-43)

¹⁷ Acesso em: <https://m.facebook.com/gavioesoficial/photos/a.132879920122295/1266101193466823/>

Figura 7: Gaviões da Fiel protestando contra a “Máfia da Merenda”



Fonte: Rede Brasil Atual.¹⁸

Para entender melhor o impacto de todas essas ações e representações, Isabela Lisboa Berté (2016) ainda diz que “a narrativa dos sujeitos, para além de trazer o elemento da concretude da experiência histórica, aborda os significados que lhe são atribuídos com o passar do tempo e como esse passado é utilizado para a construção de uma identidade no presente e para a elaboração de um futuro”, frase que demonstra como a narrativa e as ações históricas do clube se tornam elementos de construção e elaboração da identidade, o que percebemos com toda a Democracia Corinthiana e as ações da Gaviões da Fiel no período da ditadura, de forma que estes acontecimentos se deram devido a uma identidade Corinthiana sendo construída desde a fundação do clube, e então se tornam fonte de nova reconstrução e afirmação desta identidade de forma mais profunda, sendo até hoje, um dos marcos mais importantes da história do clube que traduz e ensina muito sobre o que significa para a torcida, ser Corinthiano.

Pensando sobre as questões de formação de memória, nota-se como a agremiação Gaviões da Fiel busca se descrever como uma instituição que nasce e sobrevive lutando contra duas ditaduras (a militar e a de Wadil Helu). A memória histórica é formada por mais do que apenas fatos, mas pela intenção que se visa destacar, como afirmado anteriormente. Assim, contar a história da Gaviões acentuando suas lutas e seu caráter democrático, bem como contar a própria história do Corinthians exaltando suas características de massa, operárias e

¹⁸ Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/esportes/2016/02/trajano-faixas-da-gavioes-tem-apoio-da-maioria-da-populacao-brasileira-9509/>

democráticas, é uma escolha de narrativa que demonstra como afirmar e reafirmar todos esses elementos é importante para a identificação com a torcida e o público em geral, assim, toda história é formada pelos fatos e a maneira pela qual estes fatos serão contados e retratados, quais serão exaltados e quais serão esquecidos, e através desta complexa relação, se constrói um discurso, uma memória, algo para se acreditar e enfim, as identidades.

A exemplo disso, Bernardo Borges Buarque de Hollanda e Vitor dos Santos Canale (2019) explicitam:

Ao fazer do presidente do clube, Wadi Helu, deputado estadual pela ARENA, seu bode expiatório, símbolo ditatorial no clube e na sociedade – já que era um político pertencente ao partido do governo –, seu discurso originário incorpora, ao menos no nível imaginário e discursivo, o valor da luta pela democracia, arraigando-se ao modo pelo qual seus componentes contam até hoje sua própria história de lutas e sacrifícios. (HOLLANDA, CANALE, 2019)

8.1 DIAS ATUAIS

A politização do clube segue presente nos dias atuais, observamos isso com algumas atitudes, como o orgulho e a exaltação que se faz à Democracia Corinthiana. A exemplo disso, vemos que todo ano, no aniversário do golpe militar de 64, as redes sociais do Corinthians sempre postam a famosa foto dos jogadores da Democracia Corinthiana segurando a faixa com os dizeres “ganhar ou perder, mas sempre com democracia”, sempre reafirmando “ditadura nunca mais”, além disso, observamos que o clube busca tomar para si a identidade de Clube Democrático, ou Clube da Democracia.

Bandeiras, camisas e referências à Democracia Corinthiana também seguem sendo utilizadas pelos torcedores em manifestações e protestos de cunho político, é comum ver fotos da presença Corinthiana nestes ambientes, e em 2014, a Gaviões da Fiel ergueu uma camisa gigante na arquibancada em um jogo, que carregava os dizeres “Gaviões contra o racismo e a exclusão social.

Figura 8: Gaviões da Fiel se manifestando contra o racismo e exclusão social



Fonte: Página 'Grêmio Gaviões da Fiel Torcida' no facebook.¹⁹

Em 2020, uma manifestação das torcidas organizadas no estado de São Paulo aconteceu na avenida paulista e foi encabeçada pela torcida Corinthiana (ainda que outras torcidas também estivessem presente, inclusive torcedores rivais), a manifestação possuía um caráter antifascista e de contestar o então governo do presidente Jair Bolsonaro, enquanto em 2021, em meio a uma onda de manifestações no dia 7 de setembro, com caráter ultranacionalista, conservador e de apoio ao então presidente, além da torcida do Corinthians participar de manifestações contrárias à estas, as redes sociais oficiais do clube postaram a famosa foto que postam nos aniversários da ditadura, mais uma vez afirmando o caráter democrático e politizado do clube.

A presença da torcida corinthiana em manifestações segue muito forte, seja através de coletivos - como o Coletivo Democracia Corinthiana - ou mesmo em ações individuais dos torcedores. A seguir, estão algumas imagens recentes (todas dos dois últimos anos), onde podemos observar a presença corinthiana nestas manifestações, sejam elas contra o governo do país, ou mesmo, manifestações relacionadas à realidade do futebol e às pautas sociais invadindo este âmbito do esporte.

¹⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/gavioesoficial/photos/bandeira-dos-gavi%C3%B5es-no-jogo-desse-domingogavi%C3%B5es-contra-o-racismo-e-a-exclus%C3%A3o-/598006743609608/>

Figura 9: Coletivo Democracia Corinthiana presente em manifestações contra o governo Bolsonaro em 2021



Fonte: Twitter.²⁰

Figura 10: Cartaz de manifestação da Gaviões da Fiel em frente ao Pacaembu



Fonte: Twitter²¹

²⁰ Disponível em: <https://twitter.com/CDCCorinthians/status/1398808888875573248>

²¹ Disponível em: <https://twitter.com/ManuelaDavila/status/1404203202988412928>

Figura 11: Protesto da torcida corinthiana contra a diretoria do clube



Fonte: Twitter²²

Figura 12: Torcedor corinthiano em manifestação utilizando casaco relacionando o clube com a origem popular operária



Fonte: Twitter²³

²² Disponível em: <https://twitter.com/anacanhedo/status/1406257651193888771>

²³ Disponível em: <https://twitter.com/anacanhedo/status/1406270820884824067>

Figura 13: Torcedor corinthiano levantando faixa em protesto contra o racismo em jogo da Libertadores da América



Fonte: Twitter²⁴

²⁴ Disponível em: <https://twitter.com/brauneoficial/status/1542991921307496449>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O futebol é uma exibição cerimonial (STREAPCO, 2010), isso significa dizer que para além do jogo que acontece em campo, há uma dimensão de significados sendo construídos e principalmente, manifestados por este esporte. Sendo as identidades, individuais e coletivas, construídas e transformadas pela identificação, mas acima de tudo, pelo contato com o ‘outro’, nota-se a capacidade do futebol em ser um grande formador de identidades.

Em toda exibição cerimonial – e o futebol é uma exibição cerimonial -, os atores são recordados de algo com conteúdo cognitivo. Mas é também pelo ato da representação que recordam. (...) As representações são tomadas como certas, na medida em que forem recordadas como hábitos. Aquilo que é representado ganha força, na medida em que algo a que os atores estão habituados, que consolida a própria identidade em distinção à identidade de outros grupos sociais. (STREAPCO, 2010, p. 211)

No Sport Club Corinthians Paulista, clube aqui utilizado como recorte e objeto, encontra-se uma manifestação muito intensa da identidade clubística, de forma a invadir as demais formações identitárias de sua torcida. A identidade corinthiana, se assegura em uma narrativa de memória da própria história, de forma que os principais elementos formadores e até mesmo criadores de um "estereótipo" do que significaria ser um torcedor do Corinthians, são em sua maioria, relacionados à origem operária e popular do clube, que ainda que tenha se tornado um dos clubes com maior número de torcedores, se apoia em uma identificação marginalizada e próxima de minorias sociais, mas em especial, associando-se sempre à classe trabalhadora urbana, por vezes quase que de forma a rememorar coletividades políticas de trabalhadores, como um sindicato ou espécie de movimento operário.

(...) independente da veracidade dos fatos narrados e das análises apresentadas, o Corinthians e seus simpatizantes construíram uma identidade que se relaciona com uma trajetória sedimentada ao longo dos anos em torno de ideias como conquistas obtidas em meio a grandes dificuldades, superação, a origem operária, entre outros. Títulos, partidas, sedes sociais ou campos de futebol, segundo essas narrativas, foram frutos de conquistas árduas, razão pela qual, todo torcedor corinthiano que se preze exige, na atualidade, que os jogadores joguem com ‘garra’ e ‘amor’ à camisa. (STREAPCO, 2010, p. 181)

Ao analisarmos a história em si, mas também os discursos de memória comunicados pelo clube-instituição e pela torcida, entende-se então que a identidade clubística corinthiana se relaciona de forma profunda com a identidade política dos torcedores, tanto como cidadãos individuais, como quanto coletividade, de forma a sugerir até mesmo uma identidade clubística politizada da torcida do Corinthians, de forma que eventos como a famosa Democracia Corinthiana, não foi um acontecimento aleatório ou que poderia ter acontecido em qualquer outro clube de futebol, mas sim que foi resultado da expressão dessa identidade própria do

Corinthians, uma identidade caracterizada por sua relação com várias pautas progressistas. Mais do que um clube de futebol ou uma instituição, o Corinthians se apresenta não apenas aos torcedores, mas à sociedade, como um espaço de expressão popular.

Foi observado também como a torcida corinthiana segue até os dias mais recentes, sempre se apresentando como mais do que politizados, mas um fator político simplesmente pelas lógicas presentes em suas coletividades, sejam nas Torcidas Organizadas, nos encontros de aliados virtuais dos torcedores (MACHADO, 2000), ou mesmo em uma percepção mais geral e genérica dos torcedores corinthianos se percebendo como uma nação, uma comunidade imaginada (ANDERSON, 1991).

A narrativa desta memória é pensada para destacar tais elementos, e assim, colaborar para a manutenção destes significados do que é ser um corinthiano. Indivíduos são formados por discursos, assim, torna-se clara a importância de pensarmos e percebermos o futebol como um fenômeno de grande impacto social, bem como a necessidade de que este seja assim trabalhado pelas ciências humanas. Em suma, o objetivo geral deste trabalho, foi perceber o impacto no futebol na sociedade, e em específico, relacionar a identidade clubística do Sport Club Corinthians Paulista, com a identidade política dos torcedores, de maneira em que uma forma e transforma a outra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILERA, Camilo Toro. **O espectador como espetáculo: notícias das torcidas organizadas na Folha de S. Paulo (1970-2004)**. Campinas. Dissertação de mestrado em sociologia apresentada no IFCH/Unicamp. 2004.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. ISBN 978-85-359-1188-6.

AUGRAS, Monique. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

BERTÉ, Isabela Lisboa. **“Anistia ampla, geral e irrestrita” – um estudo sobre a relação entre futebol, luta pela anistia e torcidas organizadas**. Ludopédio, São Paulo, v. 79, n. 7, 2016.

BOTTOMORE, T; GELLNER, E; NISBET R; OUTHWAITE, W; TOURAINE A. ed. **Dicionário do pensamento social do século XX**. Jorge Zahar Editor. 1996.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. 1996. Editora Paz e Terra. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo. 1999.

CORLEY, K. G, GIOIA, D. A, SCHULTZ, M. **Organizational identity, image, and adaptive instability**. Academy of Management Review, jan- 2000, 63-81.

DAMATTA, Roberto. **“Antropologia do Óbvio”**. In: Revista USP, n.22, 1994. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/22/02-damatta.pdf>>.

DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. **HISTÓRIA POLÍTICA DO FUTEBOL BRASILEIRO**. Recorde: Revista de História do Esporte. volume 1, número 1, junho de 2008.

FERNANDES, Daniel Saran. **FUTEBOL E POLÍTICA SE DISCUTEM: O CASO DA DEMOCRACIA CORINTHIANA**. Universidade De Brasília. Instituto De Ciência Política. Brasília. 2017.

FERNANDES, Karina Ribeiro, ZANELLI, José Carlos. **O processo de construção e reconstrução das identidades dos indivíduos nas organizações.** RAC, v. 10, n. 1, Jan./Mar. 2006: 55-72.

GOZZI, Ricardo; Sócrates. **Democracia corintiana: a utopia em jogo.** Boitempo. 31 dezembro 2002.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país.** São Paulo: Contexto, 2009.

HASHIGUTTI, Simone. **Futebol no Brasil: sentidos e formas de torcer.** RUA [online]. 2008, no. 14. Volume 1 - ISSN 1413-2109/e-ISSN 2179-991.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; CANALE, Vitor dos Santos. **O jubileu de ouro de uma torcida organizada: ditadura, democracia e a construção da memória dos Gaviões da Fiel (1969-2019).** Ludopédio, São Paulo, v. 121, n. 39, 2019.

KRAUSE, Guilherme Kurtz. **O futebol como um meio construtor de identidades.** 2010. 48 p. Trabalho de Conclusão de Graduação (Licenciatura em Educação Física) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/27741>.

KUPPER, Agnaldo. **O futebol brasileiro como instrumento de identidade.** Mnemosine Vol.14, nº2, p. 219-235 (2018) – Artigos.

MACHADO, Igor José de Renó. **Futebol, clãs e nação.** Dados [online]. 2000, v. 43, n. 1 [Acessado 4 março 2022], Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0011-52582000000100006>>. Epub 02 Ago 2000. ISSN 1678-4588. <https://doi.org/10.1590/S0011-52582000000100006>.

MARTINS, Mariana Zuaneti; DOS REIS, Heloisa Helena Baldy. **A Democracia Corinthiana: futebol e política.** Coleção Esporte e Ciências Humanas: AutorEsporte, 2017. ISBN 978-85-9513-048-7.

NETTO, Antônio Jordão. **Corinthians, corinthianismo: breve ensaio sociológico.** Ludopédio, São Paulo, v. 18, n. 3, 2010.

PANTOJA, Augusto Samento. **Mais branco do que preto na ditadura militar brasileira: a Democracia Corinthiana, o sindicalismo, a rebeldia e o rock and roll.** FuLiA/ UFMG, v.4, n.3, set-dez, 2019. DOI: 10.17851/2526-4494.4.3.42-65.

PAULA, Luisa Almeida de. **A CONSTRUÇÃO DA MINEIRIDADE PELO CLUBE ATLÉTICO MINEIRO: COMO O CLUBE EXPRESSA UMA DADA IDENTIDADE MINEIRA EM SEUS TORCEDORES.** 2021. 75 p. Trabalho de Conclusão de Graduação (Licenciatura em História) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2021.

REIS, Daniel Aarão. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade.** Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 2000.

ROSA, Sandro Santos da. **UMA HERMENÊUTICA ENTRE CULTO, FUTEBOL E RELIGIÃO: EXPERIÊNCIAS QUE PERPASSAM A COINCIDÊNCIA.** Tear Online, São Leopoldo, v. 3, n. 2, p. 94-100, jul.-dez. 2014.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; GRANJA, Alex Lopes. **"Maloqueiro e sofredor": memórias, identidades e oralidades de uma torcida de futebol.** 2016. DOI: 10.14393/CPCDHIS-v29n2-2016-11.

SANTOS, João Manoel Malaia Casquinha. **O "Time do Povo": vantagem competitiva na construção e manutenção da identidade do Sport Club Corinthians Paulista.** SemeAd. Outubro de 2014. ISSN 2177-3866.

SILVA, Felipe Procópio da; FRONCILLO, Adriano Vicente; ROSSINI, Guilherme Ferreira; PIMENTA, Henrique; ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de. **Influência do movimento democrático no Corinthians e os reflexos no futebol e no momento político do Brasil.** Sport Science, [S. l.], p. 1-10, 20 nov. 2018.

SILVA, J. R. G.; VERGARA, S. C. **Mudança organizacional e as múltiplas relações que afetam a reconstrução das identidades dos indivíduos.** Anais do Encontro Nacional dos Programas de Pós- Graduação em Administração, Salvador/BA, 26, 2002.

STREAPCO, João Paulo França. **Cego é aquele que só vê a bola". O futebol em São Paulo e a formação das principais equipes paulistas: S.C. Corinthians Paulista, S. E. Palmeiras e São Paulo F.C. (1894-1942).** Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo. 2010.

ASBEG, Pedro. **Democracia em Preto e Branco**. Documentário. 2014.

CORINTHIANS. **CLUBE- IDENTIDADE**. Disponível em:
<https://www.corinthians.com.br/clube/identidade>. Acesso: 09 de jul. 2022.

CORINTHIANS. **CLUBE- HISTÓRIA**. Disponível em:
<https://www.corinthians.com.br/clube/historia>. Acesso: 09 de jul. 2022.

OLIVETTO, Washington; BEIRÃO, Nirlando. **Corinthians - E Preto No Branco**. Ediouro. 2006.

ROSOLINO, Tomas; WATNEY, Chris. **Corinthian - A mais bela história do futebol mundial**. Meu Timão. 15 jul. 2021

YAGUELLO, Marina. *Les mots et les femmes: essai d'approche socio-linguistique de la condition féminine*. Paris: Payot, 1978.